

Organizadora
Maria Bizzo

Vilar Carioca

Zona Oeste

Autores
Maria Bizzo
Rosilaine Silva
Marcilon Bezerra

TERRITÓRIO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA



Vilar Carioca

Zona Oeste

TERRITÓRIO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA

Organizadora
Maria Bizzo

Vilar Carioca

Zona Oeste

TERRITÓRIO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA

Autores
Maria Bizzo
Rosilaine Silva
Marcilon Bezerra



Rio de Janeiro
2025



OS AUTORES responsabilizam-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contido, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Vilar Carioca - Zona Oeste: território, experiência e memória

Copyright © 2025 - Maria Bizzo - Organizadora

Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Dom Gerardo, 64 - Loja E - Praça Mauá
Centro – Rio de Janeiro – 20090-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Edição: **PoD Editora**

Capa: **PoD Editora**

Diagramação: **Renan Amaral**

Impressão e Acabamento: **PoD Editora**

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B554v

Bizzo, Maria
Vilar carioca - zona oeste : território, experiência e memória / Maria Bizzo,
Rosilaine Silva, Marclon Bezerra ; organização Maria Bizzo. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Pod, 2025.

130 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5947-414-1

1. Zona Oeste (Rio de Janeiro, RJ) - História urbana 2. Zona Oeste (Rio de Janeiro, RJ) - Território - Memória social. 3. Planejamento urbano - Rio de Janeiro (RJ). I. Silva, Rosilaine. II. Bezerra, Marclon. III. Título

25-100190.0

CDD: 981.53
CDU: 94(815.3)



Sumário

Prefácio 1	11
<i>Miguel Baldez</i>	
Prefácio 2	15
<i>André Luis Mansur</i>	
Apresentação.....	17
<i>Maria Bizzo</i>	
Capítulo 1. O Lugar, seus Sujeitos e sua Ocupação.....	25
<i>Rosilaine Silva e Maria Bizzo</i>	
Capítulo 2. Percepção dos Problemas, Lutas e Projetos	51
<i>Rosilaine Silva</i>	
Capítulo 3. O Lugar pós-urbanização: Transporte e Formas de Trabalho.....	79
<i>Marcilon Bezerra</i>	
Capítulo 4. Práticas Culturais e Religiosidade	91
<i>Marcilon Bezzera e Maria Bizzo</i>	
Capítulo 5. Permanências, Rupturas e Transformações Culturais	121
<i>Maria Bizzo</i>	
Referências	133
Sobre os Autores	139

Agradecimentos

Somos gratos a todos os moradores de Vilar Carioca que com suas lembranças e depoimentos contribuíram para a realização deste livro.

Às crianças e jovens, que afetuosamente colaboraram, participando das atividades do projeto desenvolvido em 2003. Às crianças, pelas curiosidades e desenhos sempre expressivos de um olhar sobre o lugar, sobre a vida. Aos jovens, pela dedicação, responsabilidade e maturidade na realização das atividades do projeto.

A Raphael Neves da Conceição, que participou e contribuiu, inicialmente, no projeto do livro mas não pode dar continuidade.

A Lilian dos Santos Amaral e Zilta Moraes Batista, que deram grande contribuição a este trabalho em sua fase inicial da pesquisa de campo.

A Sandra Salgado da Silva, pela colaboração na indicação dos moradores mais antigos de Vilar Carioca.

A Gilberta Acselrad e Bernardete Montesano Veríssimo, que desenvolveram as oficinas de direitos humanos e de meio ambiente, respectivamente, de grande valor formativo, contribuindo para maior conscientização dos jovens.

Ao Daniel Jorge Nóbrega de Magalhães, que em 2003 capacitou os jovens na produção de jornal eletrônico e pelo constante auxílio na finalização do jornal.

Ao Marcos Vinício Barros de Souza, pela contribuição na edição preliminar do vídeo sobre o Vilar Carioca realizado pelos jovens.

A Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC) e ao seu Núcleo de Estudos Urbanos (NEURB) que, em 2003, cederam salas e materiais para as oficinas necessárias ao projeto. A Associação de Moradores de Vilar Carioca, que cedeu espaço físico para a realização do projeto.

Agradecemos a todos os movimentos populares, especialmente as mulheres, por suas lutas pelo direito à moradia, à justiça e igualdade, portanto, direito à cidade democrática.

Operário em Construção

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo,
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era também a sua escravidão
De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
...E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui,
Adiante um apartamento
Além, uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente,
um operário em construção
mas ele desconhecia
esse fato extraordinário:
que o operário faz a coisa
e a coisa faz o operário

de forma que, certo dia,
o operário foi tomado
de uma subida emoção,
ao constatar assombrado que tudo
naquela mesa,
garrafa, prato, facão
era ele quem os fazia,
Ele, humilde operário,
Um operário em construção
...Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia,
Ele, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão
Ah! Homens de pensamento,
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele levantara,
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava
O operário, emocionado,
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário,
De operário em construção
E, olhando bem para ela,
Teve, num segundo, a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

(Vinícius de Moraes)

Prefácio 1

Foi como se tivesse eu participado da construção de uma cidade, nascida do intemporal e da força, empenho e vontade de sua gente, procurando, numa sociedade adversa, o espaço de sua identidade e sobrevivência material e cultural, nascida da fala e da emoção de seus autores, da memória construída na dialética do concreto de cada dia. A cada momento, na leitura dos textos, retalhos das lembranças de cada um.

O leitor emocionado, principalmente sendo ele também suburbano, surpreende-se na venda da Dona Maria ou à espera do sinal “que dava aviso quando o trem se aproximava”.

São muitos os testemunhos da vida da mulher e do homem brasileiro na fundante e interminável migração, sempre à procura de um ponto de encontro onde possa construir-se como cidadão ou cidadã, sempre que isso lhe exija esforço, luta e muita paciência. Embora tenham sido bem-sucedidos em algumas conquistas junto à Prefeitura do município, e do fato dão notícia em alguns depoimentos, muito ainda lhes falta para alcançarem um razoável nível de vida urbana.

Mas foi com a organização da comunidade que Vi-lar Carioca iniciou seu ainda incompleto processo de emancipação, quando de seus moradores perceberam-se

uns nos outros, e foram, a partir da solidariedade e da identificação dos problemas comuns, construindo uma nova subjetivação e dela, novos efeitos e enfrentamentos, novas tensões que, tocando no poder público, acabaram, enfim, personificando na ação política aquele arrabalde de Campo Grande.

Conquistaram luz, transporte, asfaltamento de ruas, água. Mas, é importante que o trabalhador saiba que, tratando-se das camadas oprimidas da sociedade brasileira, mesmo participando elas do custo Brasil, pagando impostos diretos e indiretos, só vão obter resultados emancipatórios com muita alma, coragem e através de lutas concretas, e então o trabalhador ganha consciência de que numa sociedade de classes suas vitórias e conquistas serão sempre, inevitavelmente, fruto de sua capacidade de organizar-se e procurar, sem esmorecimento, os bens da sobrevivência. Não apenas da vida individual, os bens privados, mas também os outros da vida comunitária, os públicos, como escolas e hospitais.

Sempre vivendo na fronteira entre as sobras do passado e as necessidades do presente, cabe-lhes ampliar tanto o campo social de seu projeto emancipatório como fazê-lo repercutir nas lutas de sua gente. Na memória que este livro comunitário resgata e consolida a presença das crianças, “encantadas com a beleza do rio e suas águas límpidas”, valem na singeleza poética da narração, como certeza de nesta e em outras comunidades, os excluídos e subalternos serão, eles próprios, construtores e construídos de uma nova sociedade, inteira e igualitária.

“A comunidade de Vilar Carioca brincava na Folia de Reis”, diz lá na lembrança de Dona Vera Lúcia Pereira

da Silva, ainda encantada com as inesquecíveis festas juninas. Pois, esses folguedos, recordações e registro de um Brasil rural, enlaçados com a memória dos carnavais de bate-bolas e de blocos na rua, são de fato o rito de passagem do campo para a cidade.

Vilar Carioca testemunha mais do que o nascimento do novo no contar-contar de seus moradores. É o novo brotando, com todas as dificuldades e sofrimentos, mas com o sorriso e a beleza dos nascimentos, lá do interior de um velho Brasil, que só o povo, como sujeito coletivo pode reconstruir.

Homenagens a Maria Nilda Bizzo e as suas companheiras (os) que colheram este livro, fruto amadurecido daqueles que, com suas mãos e alma, plantaram no arrabalde distante, a sua cidade.

Miguel Baldez
**(Em memória. Procurador
do Estado e Professor de Direito)**

Prefácio 2

Desde que comecei minhas pesquisas sobre a História da Zona Oeste Carioca, lá no início dos anos 2000, com a consequente publicação de vários livros sobre o passado da região, fiquei pensando em como seria importante que cada bairro dos subúrbios cariocas tivesse livros contando as suas histórias. E pensei além: não só os bairros, mas também as suas localidades podiam ter o seu passado registrado em livros, tanto na forma documental como também pela tradição oral dos moradores mais antigos, que com suas memórias publicadas podem reforçar os laços de identidade dos moradores e também fortalecer os seus vínculos de coletividade, fundamentais para o exercício da cidadania.

Foi, por isso, com muito prazer que li o livro “Vila Carioca – Zona Oeste: Território, experiência e memória”, organizado por Maria Nilda Bizzo, com textos dos autores Rosilaine Silva e Marcilon Bezerra, resultado de um trabalho publicado há 20 anos, e agora atualizado, sobre um dos maiores loteamentos da Zona Oeste do Rio de Janeiro, Vilar Carioca, localizado no bairro de Inhoaíba.

Os pesquisadores mesclam o trabalho documental, trazendo informações preciosas sobre a fazenda onde foi instalado o Instituto Ana Gonzaga (hoje é o Parque Oeste), a Praça dos Pretos Velhos e vários registros do antigo “Sertão Carioca”, como também abre generosos espaços para a memória afetiva de moradores como dona Vera Lúcia Pereira da Silva: “Aqui era igual roça, antes das seis

horas tinha que comprar querosene na Dona Maria pra acender a lamparina, com as portas fechadas porque tinha sapo e grilo cantando”.

O livro é repleto de relatos como este, nem sempre tão bucólicos, mas também mencionando os problemas de infraestrutura dos loteamentos criados nos anos 60 e 70, além de sinalizar reivindicações para os problemas que ainda não foram resolvidos, como o da legalização dos terrenos. A obra também conta com muitas ilustrações.

O mais importante, a meu ver, é que todo este trabalho surgiu dentro de uma instituição que, na minha opinião, deveria existir em todos os bairros, em todas as localidades: a biblioteca. A biblioteca não é um depósito de livros, ela é um equipamento cultural ativo, fundamental para diversas questões da comunidade onde está inserida. E este trabalho foi realizado na Biblioteca Comunitária Canto da Leitura, criada no Vilar Carioca em 2002, onde foi desenvolvido o projeto “Nossa História”.

Quantos projetos como este poderiam se multiplicar pela cidade, pelos subúrbios que tanto carecem de equipamentos culturais? Este livro é um exemplo do que pode ser feito com muito trabalho, ideias criativas e engajamento da população local. Afinal, o morador do subúrbio não está no subúrbio de passagem, ele quer continuar a morar no subúrbio, mas em condições dignas, como diz, novamente, dona Vera Lúcia: “Hoje melhorou bastante! O asfalto, as valas acabaram. Tem água, luz, mercados, padaria, posto de saúde. Não precisa mais ir a Campo Grande pra fazer compras. Não tem mais aquele aperto que a gente passava, rua sem asfalto e lama”.

André Luis Mansur

Jornalista, memorialista e escritor.

Apresentação

Este livro é resultado de um trabalho realizado há mais de duas décadas (2002), durante dois anos, em Vilar Carioca, Inhoaíba, na região administrativa de Campo Grande, Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Com a formação de um grupo de trabalho constituído por jovens (4) que, empenhados em conhecer e rever a história do lugar em que viviam, partiram para colher lembranças dos moradores mais antigos do local.

Tudo começou quando, em 2002, um grupo de mulheres (Maria Nilda Bizzo, Rita de Cássia Sales, Eloísa Rezende, Célia Regina Neves) vinculadas a Ong Ler&Agir, implantou a Biblioteca Comunitária Canto da Leitura, em Vilar Carioca. Dentro desta biblioteca desenvolveu-se o projeto Nossa História¹, com a contribuição de Bernardete Montesano Veríssimo e Gilberta Acselrad na conscientização de questões ambientais e direitos humanos. Com esse projeto pretendia-se contar a história local a partir da memória de seus moradores. Para tanto, jovens foram orientados com aulas teóricas

¹ O projeto Nossa História, idealizado e coordenado por Maria Nilda Bizzo, foi implantado também no Horto, tendo como resultado a produção do documentário *Horto Real*, feito pelos jovens e a publicação do livro *Cacos de Memórias: experiências e desejos na reconstrução do lugar*, escrito por Maria Nilda Bizzo, Rita de Cássia Sales e Célia Regina Neves, apresentados em 12/03/2005.

sobre história, memória e experiência, bem como práticas de história oral, elaboração de roteiro a ser aplicado e refeito, caso necessário, junto a trinta e três (33) moradores mais antigos e instituições locais.

No decorrer do trabalho de campo foi possível destacar um narrador, o Sr. Gabino (em memória), de 79 anos, que, não só gostava de lembrar o passado da comunidade, mas também sentia enorme prazer em narrar histórias para crianças e todos aqueles interessados em ouvir o recordar de um tempo de brincadeiras de rua, onde participavam crianças e adultos; das festas juninas; do médico que visitava, a cavalo, os moradores; do transporte de sua época (primeiro, o puxado a boi, depois, o “Maria fumaça” e o bonde); dos sítios e laranjais onde trabalhou como pequeno agricultor, que marcaram a paisagem do lugar e do rio Papagaio, onde crianças e adultos brincavam.

Histórias que o Sr. Gabino e, também, outros moradores viveram e compartilharam como experiências de tempos de muitas lutas para se conseguir ter uma moradia mais digna, um local com o mínimo de infraestrutura para se viver. Eles também se orgulharam em nos relatar parte da conquista das lutas pela transformação do território e, que, portanto, contribuiu para ver e ter um lugar melhor.

Com a realização do projeto *Nossa História*, percebemos o envolvimento afetivo e político dos jovens e dos moradores mais velhos. Percebemos, ainda, a curiosidade e interesse das crianças em relação ao seu lugar e às brincadeiras de seus pais e avós. Constatamos, também,

como nos tempos atuais o ato de ouvir é pouco exercitado, principalmente ouvir os mais velhos e as crianças; dando importância ao que eles nos revelam. Isto se expressou, no projeto, em uma intensa vontade de falar de ambos.

Os relatos coletados pelos jovens e as narrações do Sr. Gabino foram de grande importância para a compreensão da história comunitária. Uma história que os jovens moradores de Vilar Carioca, e participantes do projeto, conheciam muito pouco. Uma história registrada somente na memória de seus moradores mais velhos.

O resultado deste amplo envolvimento se materializou, em 2005, no livro, *Vilar Carioca: tecendo histórias e reconstruindo o lugar* e no documentário *Os Vilarenses cariocas*².

Após duas décadas desse trabalho, nos reunimos, agora, para essa publicação!

Os jovens autores de ontem, Rosilaine Silva e Marci-lon Bezerra, hoje, já adultos, mestres, professores, educadores que, de alguma forma reproduziram aquele aprendizado, seja junto aos seus alunos seja em suas pesquisas, estão dando continuidade com esse livro, em registro mais aprofundado daquelas pesquisas, incluindo as permanências, rupturas e transformações ocorridas em Vilar Carioca.

Necessário destacar que o trabalho de memória comunitária para a escrita de histórias de (re)construção de lugares tem como sentido, para nós, o que Walter Benjamin destacou “...olhamos para o passado porque exis-

² <https://www.youtube.com/@mariabizzo3042>

tem lutas que foram vencidas e traduzidas pela versão da história oficial. Essas lutas precisam ser recontadas, e o desafio que se coloca é recontar a contrapelo a história dos vencidos” (BENJAMIN, 1993, p. 226). Para tanto, recorreremos à memória, aquelas subterrâneas das quais também nos fala Pollak (1989, p. 4): “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas, que, como parte integrante, se opõem à ‘memória oficial’ [...]”.

Com essa inspiração, buscamos compreender o território, aquele na perspectiva de Milton Santos (1984), para o qual o uso do território se dá pela dinâmica dos lugares. O lugar é proposto por ele como sendo o espaço do acontecer solidário. Estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros. Mas os lugares pressupõem coexistências. Ao mesmo tempo em que cada lugar é extremamente diferente de outro, também cada lugar está claramente ligado a todos os outros por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal³. Por conseguinte, a análise dos lugares não se dá somente por meio de lógicas particulares e encerradas em si, deve-se considerar sua relação com a totalidade.

Milton Santos considera que é a partir do território e dos lugares, que um novo tempo emerge, chamado por ele, período popular da história. Este período se caracte-

³ SANTOS, Milton. O retorno do território. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires, CLAC-SO, 2005.

riza pelo processo de resistência dos lugares às perversidades impostas a ele pelo mundo.

Essa resistência dos lugares, o agir político, remete ao que Ana Clara Torres Ribeiro (2017) ressaltou como: “a ação portadora do tempo na própria espacialidade das técnicas, na medida em que manifesta, no mesmo movimento prático e político, as condições historicamente herdadas e o projeto de sua transformação” (2017, p. 37).

Nesse sentido, que lugar os moradores de Vilar Carioca herdaram? Como esse lugar está relacionado com o todo da ocupação da zona oeste e da cidade do Rio de Janeiro? O que seus moradores encontraram quando chegaram nesse lugar? Como usaram o território enquanto lugar de experiências de organização social, de lutas, de solidariedades, de trabalho e de cultura? Como criaram representações sociais?

Dessa forma, buscamos escrever a história de Vilar Carioca na perspectiva analítica de lugar, experiência e memória. O livro foi escrito por artigos, mas que se constituem como capítulos de um todo, dando historicidade às memórias com referências a outras literaturas, jornais, sites e vídeos.

No primeiro capítulo, as autoras buscam mostrar a ocupação do Vilar Carioca a partir da contextualização da Zona Oeste, Campo Grande e o bairro de Inhoaíba, em tempos de ocupação marcados pelas grandes fazendas com sua produção de cana-de-açúcar e laranja. Destacando o retalhamento das fazendas, seus loteamentos, inseridos no período de deslocamento populacional para a Zona Oeste na busca por moradias. O loteamento de

Vilar Carioca se encontra nesse contexto. E quem eram seus ocupantes? E que lugar encontraram?

No segundo capítulo, as autoras descrevem, a partir da memória dos moradores, os problemas enfrentados em Vilar Carioca na chegada ao lugar; como eles perceberam esses problemas e suas lutas na construção do lugar? Como se mobilizaram para o enfrentamento dessas lutas? Quais os resultados alcançados?

No terceiro capítulo, apresentamos o lugar a partir da urbanização, mostrando os meios de transportes e as formas de trabalho. Como os moradores se locomoviam? E onde trabalhavam?

No quarto capítulo, trata-se da dimensão cultural construída por seus moradores ao longo do tempo. Seus costumes, práticas culturais, religiosidade, as significações criadas na relação com o território e com o outro.

Por último, apresentamos as mudanças e permanências a partir das dinâmicas sociais estabelecidas com novos projetos para o lugar. Hoje, o que mudou em Vilar Carioca? E o que permanece? Quais os resultados das lutas do passado, principalmente aquelas relativas à regularização dos lotes?

O trabalho de contar a história da organização social, da construção de lugares de moradias e suas representações, de vínculos territoriais a partir das experiências coletivas formadoras da memória de seus moradores representa resistência ao apagamento histórico de constituição de lugares, como também nos afirma a necessidade daquilo que Walter Benjamin propõe, “substituir a concepção de história linear pela história como movi-

mento de luta vivida pelo sujeito que dá sentido ao processo de construção histórica” (BENJAMIN, 1987).

“...Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava [...]E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho...” (BENJAMIN, 1987, p. 239-240).

E, assim, vamos escavando!

Maria Bizzo

Mestre em Planejamento Urbano (IPPUR/UFRJ).

*Professora, escritora e pesquisadora. Idealizadora
e Coordenadora do Projeto Nossa História.*

Capítulo 1. O Lugar, seus Sujeitos e sua Ocupação

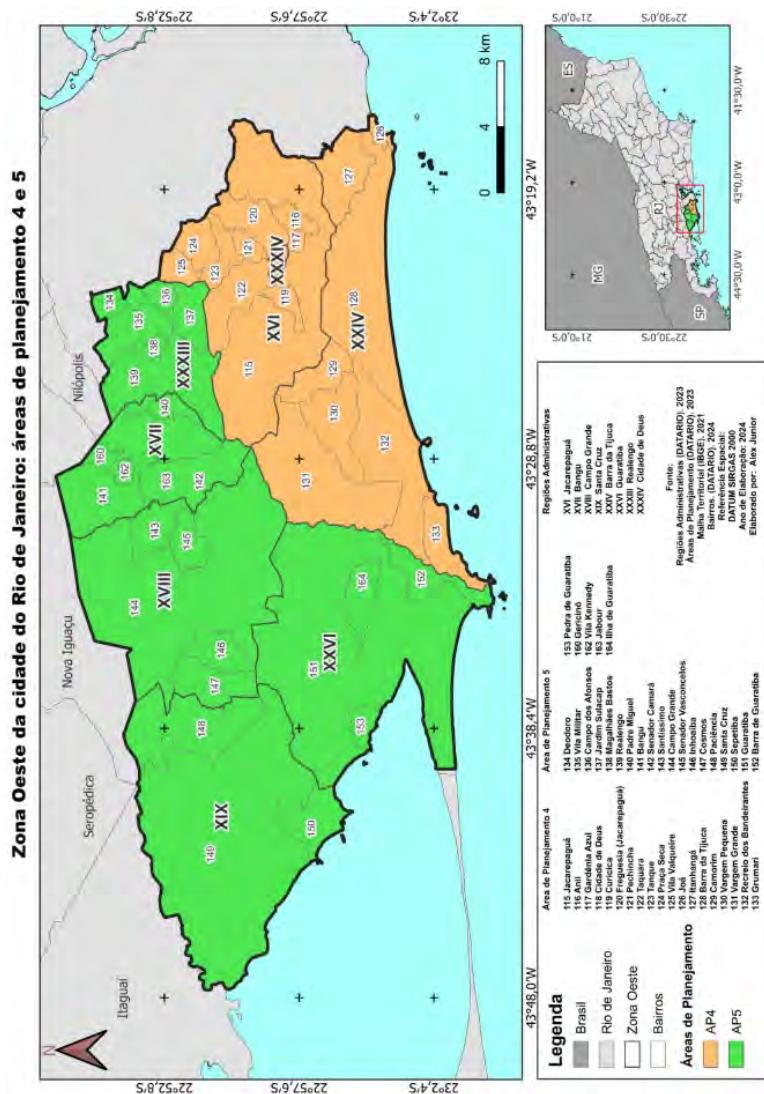
**Rosilaine Silva
Maria Bizzo**

“... o que faz a região não é o espaço, mas sim o tempo, a história.

Nada há que não seja herança, produtos históricos das determinantes sociais...” (Bourdieu, 1989).

1.1 Contextualização

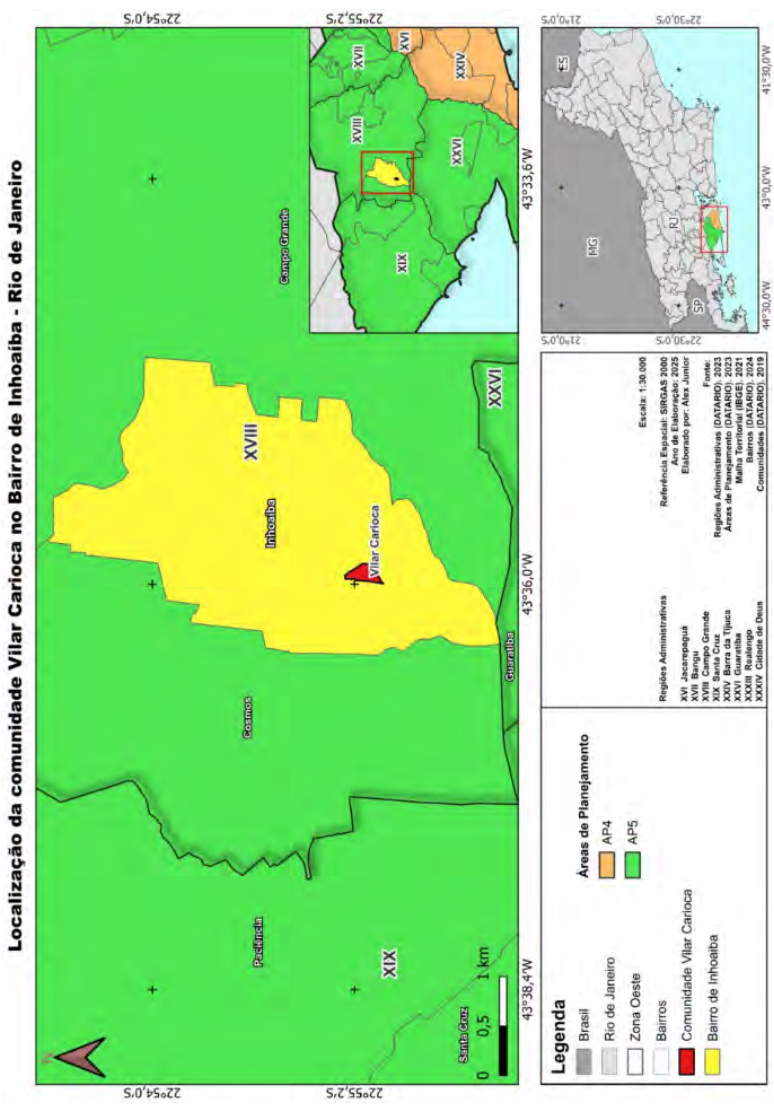
A Zona Oeste é dividida em duas áreas de planejamento, a saber, AP4 (Regiões Administrativas/RAs de XVI Jacarepaguá, XXIV Barra da Tijuca e XXXIV Cidade de Deus) e AP5 (Regiões Administrativas/RAs de XVII Bangu, XVIII Campo Grande, XIX Santa Cruz, XXVI Guaratiba e XXXIII Realengo), como localiza o mapa a seguir:



Fonte: Elaborado por Alex Júnior e organizado por Rosilaine Silva (2024)

Nesta pesquisa, destacamos a região administrativa de Campo Grande (XVIII), onde se encontra o bairro de Inhoaíba e a comunidade de Vilar Carioca, localizada entre a Av. Cesário de Mello (nºs. 7317 e 7565) e a serra de Inhoaíba, como mostra o mapa a seguir:

No passado, a Zona Oeste como área rural era conhecida como “sertão carioca”, tanto por belezas naturais (como exemplo, a região que atualmente é o Parque Estadual da Pedra Branca) quanto por sua capacidade produtiva. Inicialmente, com a monocultura da cana-de-açúcar e, posteriormente, com a diversificação da agricultura em que uma série de atividades foi sendo desenvolvida, como a plantação de arroz, feijão e batata inglesa, era a única produtora de algodão, se tornando, portanto, a maior área cultivada do município (Coutinho, 1990).



Fonte: Elaborado por Alex Júnior e organizado por Rosilaine Silva (2025)

A importância da Zona Oeste se afirmou, de início, como exportadora desses produtos alimentícios, bem como fornecedora de produtos agrícolas para a cidade carioca. A cultura desses gêneros foi dando lugar a uma nova atividade econômica, a plantação da laranja e, por consequência, a divisão do território das grandes fazendas em lavouras, em torno de 1920. A monocultura da laranja, que alcançou seu auge em 1939, se transformou em símbolo local e produto de exportação internacional. O cultivo da laranja se estendeu até a Segunda Guerra Mundial e, dentre vários fatores, seu declínio se deu pela ausência de mercado consumidor externo, e pela presença de uma praga que devastou as lavouras (fumajina)¹.

O bairro de Inhoaíba está inserido nessa dinâmica socioespacial, pertencente historicamente a Fazenda Engenho da Mata da Paciência (atuais bairros de Cosmos, Paciência e Inhoaíba), cuja história remonta o período das fazendas e engenhos de lavouras de cana-de-açúcar e laranja, utilizando inicialmente mão de obra negra escravizada.

Cabe lembrar que antes desse período, a região foi habitada por povos indígenas da aldeia Okaranti² que chamavam a região de “nhu-ahyba”, cujo significado é “campo ruim” em tupi-guarani, essa é a primeira versão para a denominação “Inhoaíba”. No entanto, seguindo as pistas da história oral³, “Nhô” seria a abreviação de se-

¹ SILVA, Rosilaine. *Identidade e lugar na comunidade de Vilar Carioca sob o impacto do Programa Morar Legal da Prefeitura do Rio de Janeiro*. Niterói, 2005 (Monografia de Pós-Graduação em Organização espacial do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geociências/UFF).

² Ver SILVA, Rafael Freitas da. *O Rio antes do Rio*. 4ª Ed. RJ: Editora Relicário, 2019.

³ Fonte: Documentário *Inhoaíba – da lamúria à esperança*, 2021, de Lorrann

nhor e, por tanto, “Nhô Aíba”, como era chamado o senhor Aníbal, pessoa respeitada ligada a religiosidade da região, esse versão pode ser outra chave dessa toponímia.

Segundo pesquisadores/as da CAMEMPA (Casa da Memória Paciente) existe um amplo território “espremido entre Campo Grande e Santa Cruz” (TOV, 2021, p. 12)⁴ que pertencia originalmente ao Engenho da Pedra (de Guaratiba), propriedade do Convento do Carmo, desde o século XVII, e que foi arrendada se transformando no Engenho da Mata da Paciência “poderosa fazenda produtora de aguardente de cana-de-açúcar, que existiu de 1797 a 1840, cobrindo os bairros atuais de Cosmos, Inhoaíba e Paciência” (TOV, 2021, p. 08), formando, assim, o macro território Mata da Paciência.

Essa grande fazenda foi anunciada para venda nos jornais a partir de 1847 e, em 1860, já se encontrava com os documentos correspondentes a área que hoje é o bairro de Inhoaíba, em nome de Luís Antônio Gonzaga Suzano e sua esposa Anna Joaquina de Soledade Gonzaga (TOV, 2021, p. 187).

Com a Proclamação da República (1889) e as transformações que estavam em curso no Distrito Federal, como a industrialização pontual em direção à zona rural carioca, com a Fábrica Bangu (1889-2005) e a Fábrica de Cartuchos em Realengo (1898-1977), bem como a falta de investimentos públicos para o cinturão agrícola, ocorreu o parcelamento do solo na região, exemplo de Inhoaíba. Além do parcelamento do solo, houve casos de loteamentos de grandes propriedades que eram

Matheu.

⁴ TOV, Isra Toledo (Org). *Mata da Paciência: De legado Carmelita a portenho fluminense*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2021.

voltadas para atividades agrícolas nas mãos de poucas famílias, como o caso das terras da família Weiszflog, as quais se transformaram no loteamento Vilar Carioca. Segundo Isra Tov (2021, p. 191), ao analisar 1930, “Cosmos, Inhoaíba e Paciência já são bairros divididos em centenas de sítios e chácaras”.

A Fazenda de Inhoaíba era atravessada pela Estrada Real de Santa Cruz (atual Avenida Cesário de Melo) e ficava em frente à Fazenda Campinho. Com a implantação do ramal ferroviário de Mangaratiba (atual ramal de Santa Cruz) foi inaugurado em 1912 a estação Engenheiro Trindade, chamada posteriormente de Inhoaíba, consolidando o nome do bairro⁵. Esta fazenda foi doada, em 1932 para a Igreja Metodista, se transformando no Instituto Metodista Ana Gonzaga.



Foto1: Estação de trem Inhoaíba, 1930

⁵ <https://ogritocampograndeozeste.blogspot.com/2015/03/historia-do-seu-bairro- hoje-inhoaiba>



Foto2: Instituto Metodista Ana Gonzaga, 2004

Segundo relato do diretor do Instituto Metodista Ana Gonzaga:

“A fazenda da Dona Ana Gonzaga se chamava Inhoaíba, ela era cortada pela estrada de ferro. Então a estrada de ferro procurou a D. Ana Gonzaga para fazer uma estação, e ela pediu para fazer uma estação que beneficiasse toda a população desta região. D. Ana doou terreno para a rede ferroviária fazer a estação (em 29/10/1923) com a condição da estação se chamar Inhoaíba, que era o nome da sua fazenda. D. Ana doou terreno para a rede ferroviária, onde fizeram a estação, e vendeu mais um pedaço para o lado de cá da linha, onde tem umas casas”. (Ayrton Campos, diretor do Instituto Metodista Ana Gonzaga - Entrevista realizada em 15/10/2003).

O bairro de Inhoaíba guarda uma história afro-brasileira que deixou um legado étnico para os seus mais de 64 mil moradores (IBGE, 2010), representado, por exemplo, no Monumento edificado em 1958, de autoria de Miguel Pastor, na antiga Praça Adolfo Lemos, reconhecida como Praça dos Pretos Velhos (Lei nº 5989, de 16 de outubro de 2015). Neste local, encontra-se a estátua em homenagem a Joaquim Manuel da Silva, conhecido como Tio Quincas, um escravizado com mais de 100 anos de idade, cuja história ficou muito conhecida oralmente na região⁶.



Foto3: Tio Quincas



Foto4: Tia Maria Quirina

(Fonte: site da Prefeitura RJ)

Encontramos, também, nessa praça, referência à imagem de Maria Bibiana do Espírito Santo, a Mãe

⁶ <https://inhaoiba-zona-oeste-rj/>

Senhora, herdeira de uma linhagem nobre da Nigéria⁷, inaugurada em 1968 com a presença de representantes de Gana e Nigéria (TOV, 2021, p.197). E, ainda, a estátua de Tia Maria Quirina ou Tia Maria do Sul de Minas de 1969, segurando uma criança que estaria simbolizando um filho de senhor de engenho “ex-escrava em Minas Gerais, onde era cortadeira de cana, foi trazida para o Rio para ser ama-de-leite de uma criança recém-nascida. Na obra de artista desconhecido, ela aparece numa cabana, com um bebê de cabelos claros no colo” (TOV, 2021, p. 197).

Na praça existe, ainda, um conjunto escultório de autoria de Miguel Pastor, um obelisco de 9 metros de altura, revestido de pastilhas bege e um mural de 3 metros dividido em dois painéis com pastilhas pretas e vermelhas. Um dos primeiros monumentos de caráter religioso implantado no espaço público em reconhecimento à simbologia e imponência da religião afro-brasileira.

Vale destacar que no bairro de Campo Grande, na praça ao lado do Teatro Arthur Azevedo, encontramos o “Monumento aos Abolicionistas”, que se conecta a praça dos Pretos Velhos de Inhoaíba por ter obras do mesmo artista, Miguel Pastor, datada de 1960, ano em que a praça foi consagrada com um ritual realizado pela Tenda Espírita N.S. da Piedade, onde aconteceu a primeira festa religiosa naquele monumento de Tio Quincas. Cinco anos depois, em 1965, a “Festa do Preto Velho” entrou para o calendário oficial das festas da Administração Regional de Campo Grande e Secretaria de Turismo⁸.

⁷ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rio-de-todos-os-santos-conheca-oratorios-espalhados-pelos-bairros-do-rio-e-alguns-de-seus-guardioes.ghtml>

⁸ Ibidem

Muitas autoridades compareceram na ocasião, como o então governador Negrão de Lima e sua esposa, a Sra. Elza Pinho Osborne, administradora regional de Campo Grande (1966-1971).

A partir dos anos 70, a urbanização da área de Inhoaíba se intensificou, considerando o deslocamento populacional iniciado na década de 60, com a política de remoção de favelas da Zona Sul e Central carioca, no governo de Carlos Lacerda, em que muitas das famílias foram deslocadas para a Zona Oeste.



Foto5: Obelisco, autoria de Miguel Pastor



Foto6: Obelisco

(Fonte: <https://inhoaiba-zona-oeste-rj/>)

Nesse período, grandes loteamentos surgiram em Inhoaíba, como o Vilar Carioca e o Vilar Guanabara, em decorrência do retalhamento das fazendas com o declínio de sua principal atividade de plantio de laranja.

O baixo preço dos lotes, determinado pela falta de infraestrutura básica como acesso à água, rede de esgo-

tos, luz, asfalto dentre outros, possibilitou que classes de baixa renda, buscando alternativas para o problema habitacional, encontrassem nestes loteamentos, **à primeira vista**, a solução para a questão da moradia através da facilidade do pagamento à longo prazo (em média até 15 anos) e da possibilidade de autoconstruir suas casas (LAGO 1990; JESUS, 1990).

Desse modo, o bairro de Inhoaíba apresenta em sua configuração territorial uma série de loteamentos (regulares e, em sua maioria, irregulares) e conjuntos habitacionais para atender a demanda crescente por moradia das classes populares, nas décadas de 60 e 70. Dentre eles, destaca-se o loteamento (irregular) de Vilar Carioca.

1.2 Vilar Carioca

Vilar Carioca, considerado um dos maiores loteamentos da Zona Oeste, ocupando uma área de 1.000.000m², com 3.300 lotes e 124 ruas onde moram 13.200 pessoas que constituem essa comunidade, segundo dados da Prefeitura⁹. Para a Associação de moradores de Vilar Carioca são aproximadamente 20 mil moradores.

Antes de Vilar Carioca ser caracterizado como um dos maiores loteamentos pela Prefeitura, muitos dos seus antigos moradores recordam deste lugar com outras características, como um enorme laranjal, com sítios e poucas casas.

⁹ Plano de Ação Social Integrada-PASI. Loteamento Vilar Carioca. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2003.



Foto7: Vista aérea do loteamento Vilar Carioca, 1994 - (Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro)

“Antigamente, aqui era tudo um laranjal, com muitos sítios, um perto do outro. Era só laranjal...Casas não tinha nenhuma, só um vigia que morava ali em cima, na Dicurana, que vigiava isso aqui. Houve esse loteamento aí. Eu soube que anunciou um terreno lá em cima, com 52 mil m². Entregaram para o orfanato. Fiz minha casinha aqui e fiquei morando” (Lembranças do Sr. Gabino Barbosa). “Quando vim pra esse bairro, tava começando. Na minha rua só tinha a minha casa e da vizinha. Tinha a padaria da venda da Dona

Maria que a gente comprava pão e querosene. Tinha muito sítio na Dicurana. Tudo era sítio e laranjal naquele morrinho da Dicurana. Laranja, banana, aipim, batata-doce, tudo vinha de lá. Aqui era igual roça, antes das seis horas tinha que comprar querosene na Dona Maria pra acender a lamparina, com as portas fechadas porque tinha sapo e grilo cantando. As casas, quem podia fazia de tijolo, quem não podia, era de barro. A nossa casa era metade barro, metade tijolo. Meu pai que fez a casa. A estação de trem de Inhoaíba o guarda botava a bandeirinha para o trem passar. Tinha aquele sinal do trem que tocava, dava aviso quando o trem tava se aproximando” (Lembranças da Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).

“Quando eu vim, aqui era um lugar muito deserto, com muito laranjal. Não tinha ônibus, não tinha estrada, não tinha a Cesário de Mello. Era um caminho que cortava de Campo Grande a Santa Cruz. Tinha sítios com muito laranjal” (Lembranças da Dona Natalice Eugênio de Souza).



Foto8: Sítio em Vilar Carioca, déc.70

Na pesquisa fundiária elaborada no processo de regularização do loteamento, identificou-se a área de Vilar Carioca como uma fazenda que pertencia à família Weiszflog, de origem alemã que, interessados em lotear sua propriedade, devido ao declínio da cultura de laranja na região, contrataram os serviços da Companhia Várzea do Carmo, uma empresa de São Paulo especializada em urbanização, com empreendimentos imobiliários em todo o estado do Rio de Janeiro. Realizou a abertura do loteamento sem, no entanto, cumprir com as exigências da legislação, com a aprovação final dos projetos de parcelamento (PAL) e execução de obras.

Os lotes, mesmo irregulares, foram vendidos pela Companhia Várzea do Carmo, no final da década de 60 (1969). As pessoas que adquiriram os lotes eram, em sua maior parte, nordestinas, e também de outras localidades da Cidade.

“Eu nasci na Paraíba, em João Pessoa e vim porque meu irmão morava aqui. Meu irmão disse: - *Tá, minha irmã, vou lhe levar pra lá. Seu marido arruma um emprego e a gente vai viver melhor.* Mas é a mesma coisa que na Paraíba!” (Lembranças da Dona Cecília dos Santos Silva).

“Nasci lá na Paraíba! Morei lá embaixo muitos anos, em São Cristóvão, Estácio e Vila Isabel. Morava sempre de aluguel. Aí, economizei pra comprar uma casa. Um colega meu disse: - *Uh, rapaz, a casa lá onde moro tá pra vender, a mulher [proprietária] quer vinte mil cruzeiros de entrada.* Então, vim e fechei o negócio” (Lembranças do Sr. Manoel Al-

ves de Souza).

“Nasci em Recife, vim pra cá pequena. Tenho um irmão que veio para trabalhar e depois veio a gente. Eu não escolhi Vilar Carioca. É a necessidade. Eu morava no Magali, em Campo Grande. Casei e meu marido ganhava pouco nesse tempo, era novo e não tinha profissão, ganhava pouco e a gente veio morar aqui” (Lembranças da Dona Zezita Miranda Carneiro).

“Eu não escolhi morar aqui. Fui desapropriado de lá [Itaguaí] e aqui foi o lugar mais barato que encontrei e que o dinheiro deu pra comprar” (Lembranças do Sr. Nilson).

“Morava em Padre Miguel. Minha avó já morava aqui e conseguiu esse terreno e deu pra minha mãe morar. A gente morava de aluguel, então minha mãe construiu aqui e a gente veio morar” (Lembranças da Dona Tania Cristina Tomé Decúpero).

Vimos que muitas pessoas vieram morar em Vilar Carioca porque já tinham familiares que moravam aqui ou porque não tinham condições financeiras de comprar em outro lugar mais bem localizado na Cidade do Rio de Janeiro.

Assim que os compradores dos lotes se instalaram, encontraram um lugar abandonado, sem infraestrutura e o mínimo para viver com dignidade.

“Quando vim pra cá era um fim de mundo, era muito longe da cidade. Quando a gente vem do interior da Paraíba e chega aqui...não tinha luz elétrica, água. Era horrível! Hoje, por vista do que se tinha antes, isso aqui é

uma cidade!” (Lembranças de Dona Maria Galdino da Silva).

“Quando eu vim não tinha nada! As valas eram na porta. Não tinha água, poste. A única coisa que tinha era aquela pista Cesário de Mello, que não era como agora, tá maior. A gente ia a pé para buscar água lá do outro lado da Cesário, com balde na cabeça. Pra fazer as casas, cada um fazia sua vala e jogava no rio. Tinha um rio que depois começou a encher as casas, virou um valão, e agora foi tapado. O Sr. Miguel deu nome de rio Papagaio. Não sei se foi ele quem deu, mas ele falou esse nome. Antigamente era lama demais. Quando chovia era lama e quando fazia sol era poeira. O lixo, a gente juntava e botava fogo, na rua. Não tinha onde jogar o lixo, então a gente botava fogo” (Lembranças de Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).



Foto9: Lotes de Vilar Carioca, 1978



Foto10: Rio Papagaio, abaixo da ponte, déc.70

O loteamento de Vilar Carioca cresceu, assim, convivendo com a falta de infraestrutura.

“O transporte era horrível! Tinha um ônibus que mais tarde não conseguiu ficar porque não tinha asfalto. Era só barraco, né. A gente tinha que ir até Inhoaíba para pegar o trem para ir a Campo Grande. Não tinha esgoto. O lixo a gente queimava” (Lembranças de Dona Claudete).

“As pessoas se locomoviam a pé até à estação de Inhoaíba. As doenças a gente tratava no Rocha Faria e as crianças estudavam lá no Alba Canizares, em Inhoaíba. Esgoto, aqui não tinha. Quando chovia era uma correnteza muito forte, a gente entrava e tomava banho. A água pra beber a gente buscava lá na Maria Portuguesa, lá no Murilo” . (Lembranças de Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

“Aqui não tinha água canalizada, eu apanhava lá fora pra beber. Todo dia ia com lata na cabeça, eu grávida desse meu filho. E a menina [sua outra filha], internada, quando saiu do hospital amanheceu morta. Eu, com barriga desse tamanho ia pegar água pra beber lá fora, água de poço! (Lembranças de Dona Cecília dos Santos Silva).

Em 1995, mais de duas décadas após a ocupação do loteamento, Vilar Carioca finalmente foi urbanizado, quando a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Habitação, assinou o primeiro convênio com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a urbanização de favelas e loteamentos irregulares, instituindo o PROAP (Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro). Cabe destacar que em 20 de janeiro de 1993, o Prefeito César Maia emancipou Inhoaíba como um bairro autônomo de Campo Grande.

O convênio entre Prefeitura e BID previa para os casos de loteamentos, exclusivamente, a dotação de infraestrutura e elaboração do projeto de loteamento com vista à futura regularização fundiária.

Vilar Carioca, incluído no PROAP1, teve suas obras de urbanização executadas e, finalmente, os problemas de esgoto, luz, água encanada e asfaltamento das ruas, solucionados.



Foto11: Mutirão para fazer esgoto, 1982



Foto12: Obras de urbanização de Vilar Carioca, 1998

Para os moradores, com as obras de urbanização veio a infraestrutura tão necessária:

“Hoje melhorou bastante! O asfalto, as valas acabaram. Tem água, luz, mercados, padaria, posto de saúde. Não precisa mais ir a Campo Grande pra fazer compras. Não tem mais aquele aperto que a gente passava com rua sem asfalto e lama. O importante mesmo para o bairro, e que melhorou muito, é o Posto de Saúde. A gente tinha que ir para o Rocha Faria, em Cosmos, pra tomar vacina. Agora tem aqui! Pra mim, agora tá ótimo, tá uma cidade!” (Lembranças de Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).



Foto13: Ruas recém-asfaltadas, 1994



Foto14: Posto de Saúde Adão Pereira Nunes



Foto15: Mercadinhos de Vilar Carioca



Foto16: Mercadinhos, após urbanização

Os moradores relatam que o problema de transporte continua em Vilar Carioca: “O transporte hoje é melhor que antes, tem Kombi e tinha ônibus. Nós precisamos de ônibus na localidade, que foi retirado” (Lembranças de Dona Maria Aparecida da Costa Souza, 2004).

Apesar de ser considerado o maior loteamento da Zona Oeste, Vilar Carioca não possui uma linha interna de ônibus e os lotes continuam irregulares.

“Eu não tenho a documentação da minha casa! Tenho promessa de venda de onde eu comprei, mas sem valor porque não foi legalizada. Aqui, ninguém tem casa legalizada, mas o que tem valor é a casa legalizada na Prefeitura” (Sr. Manoel Alves de Souza, 2004).

“Quando eu cheguei aqui, com 15 anos de idade, eu trabalhava no Orfanato [Ana Gonzaga] e me aposentei. Aqui era tudo chácara, tudo sítio e pé de laranja. O dono do sítio morava lá em cima. Onde tem essas casas era laranjal. Em 1964 foi loteada toda essa área. Eu comprei meu lote com um corretor da empresa Várzea do Carmo que já morreu. Dei entrada e paguei o restante ao corretor em 12 vezes. Eu tenho os recibos e o documento do lote, mas não tenho a escritura” (Sr. Gabino Barbosa, 2004).

Vimos que a Prefeitura urbanizou, colocando Posto de Saúde, água, luz, esgoto e escolas. Entretanto, os moradores relatam a falta de regularização das moradias, bem como linha de ônibus interna, como os principais problemas na comunidade.

Conforme o Estatuto da Cidade (2001: 25): “A condição de ilegalidade e informalidade dos assentamentos populares os converte em reféns de ‘favores’ do poder público, a serem incorporados à cidade, recebendo infraestrutura, equipamentos, etc.”.

Essa ordem urbanística excludente promove, segundo o Estatuto da Cidade (2001: 23), “o quadro de contraposição entre uma minoria qualificada e uma maioria com condições urbanísticas precárias, é muito mais do que a expressão da desigualdade de renda e das desigualdades sociais: ela é agente de reprodução dessa desigualdade”. Desta forma, os sujeitos de Vilar Carioca travaram uma arena de lutas pelo acesso à infraestrutura básica, à regularização de suas moradias, ou, porque não dizer, pelo acesso à cidade, ao urbano, ou ainda à legalidade. Enfim, não basta estar na cidade é preciso ter acesso à cidadania.

Capítulo 2.

Percepção dos Problemas, Lutas e Projetos

Rosilaine Silva

“Urbaniza-se? Remove-se? Extingue-se a pau
e a fogo?
Que fazer com tanta gente Brotando do
chão, formigas
De um formigueiro infinito? (.)
E a cada favela extinta
Ou em bairro transformado Com direito a
pagamento
De COMLURB, ISS, RENDA,
Outra aparece, larvar, (.)
Esperante, lancinante...
O mandamento da vida Explode em riso e
ferida”
(*Carlos Drummond de Andrade, 1979*).

A questão da habitação vem ao longo do tempo se apresentando como problema no cenário brasileiro, como afirmam Ribeiro e Pechman (1985: 07): “As péssimas condições habitacionais, o encarecimento do preço da moradia e a segregação das classes e camadas sociais são três das principais marcas da urbanização brasileira”.

Essas três marcas da urbanização estão presentes na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, região marcada

por concentração de terras, grilagem, violência e periferização, caso que se aplica ao bairro de Inhoaíba, onde a atuação de uma loteadora que não cumpriu junto à prefeitura e as famílias proprietárias dos lotes os requisitos legais, gerou insegurança junto aos/as moradores/as, com o surgimento de um dos maiores loteamentos irregulares da cidade: o Vilar Carioca.

Buscaremos destacar, a partir da memória dos moradores mais antigos do local, aquilo que eles percebem e identificam como problemas vividos na construção do lugar. Num primeiro momento, resgatam os problemas passados em busca de “*suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos...*”. Sentimentos e motivações que Gilberto Velho (1999: 100-101) havia destacado como elementos que indicam o sentido da singularidade dos sujeitos que possibilitam, a partir da memória, a formulação e condução de projetos que dão significado à vida e às ações coletivas.

Os moradores mais antigos chegaram a Vilar Carioca por volta das décadas de 70 e 80 do século XX, encontrando neste espaço uma série de problemas, principalmente, relativos a saneamento básico, asfalto e transporte. Assim, os problemas apontados pelos moradores, nesse período, consistiam na privação ao acesso pleno à moradia, conforme lembranças da Dona Maria Aparecida, da Dona Leni e do Sr. Antônio Cândido, ao relatar em suas histórias particulares, que também fazem parte da história coletiva desta comunidade.

“ [Problema]... Era água, era o modo de locomover daqui. Não tem notícia, meio de

transporte. Era água, necessidade da água. Carência de ônibus, de tudo. Era... era muito sacrifício, entendeu? Era muito sacrifício. A água, aqui, era de balde, latão, era tudo isso. Isso eu acho que marcou as pessoas antigas dentro do Carioca. Marcou muito” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

“De 2000 para cá é que a gente tem isso. A água a gente... eles vieram aqui uma vez e colocaram uns caninhos aí na rua. Botavam a conta para todo mundo pagar e água, mesmo, ninguém tinha. Eu tinha água de poço. Eu usava água de poço e vinha conta de luz, da água...Eu não pagava porque ninguém pagava” (Dona Leni).

“Nós não tínhamos [água]. Água de poço eu fui um sofredor aqui. Furei sete buracos arriscando até morrer no fundo, barrancando para cima de mim. Eu me arranquei fora, estourou essa perna e tudo, procurando água. E só achava aquela água enferrujada, suja. Pela misericórdia de Deus eu localizei um poço de água limpa. A mesma coisa era com meus pais, que moravam daquele lado ali. E tá lá, até hoje o poço. Foi por essas coisas que nós conseguimos aquela água, que Deus nos deu lá do fundo do solo, né, e que nós fomos sofrendores por muitos anos. Então, é isso...muitos moradores ainda têm os poços que a gente fez aí. Aquilo que é dado pelo homem, hoje, nós temos, mas amanhã pode faltar. Tenho poço, ligo a minha bomba e, de repente, a minha caixa tá cheia” (Sr. Antônio Candido de Almeida).

É importante destacar que estes problemas revelados pelos moradores de Vilar Carioca em suas trajetórias na construção da comunidade dialogam com histórias dos sujeitos da Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde o ato de habitar se apresentou (e ainda se apresenta) como um conflito entre os moradores, as loteadoras e o Estado. O que predomina é a narrativa das carências do lugar.

Percebemos, então, como os principais problemas da comunidade neste período, conforme relatados por Dona Zenilda, *“a água, o asfalto e a urbanização”*, que se encontrava em total abandono por parte da loteadora, bem como por parte dos órgãos públicos. No entanto, a partir do processo de urbanização, iniciado pela prefeitura, uma parte dessas carências foram superadas, como o acesso aos equipamentos básicos, como escola, posto de saúde, ou o acesso à água. Lembramos que acessar tais serviços, não significa ter direito à cidade.

Voltaremos às memórias: diante deste abandono, ou seja, das carências cotidianas, os moradores se organizavam coletivamente, principalmente através da Associação de Moradores e em mutirões comunitários para solucionar parte dos seus problemas, conforme os relatos a seguir:

“As pessoas trabalhavam todo o final de semana. Um ia para a casa do outro. As mulheres ajudavam a fazer o almoço e os homens começavam a ajudar uns aos outros a levantar suas casas. Era muito bom! Não era igual como agora” (Dona Maria das Graças). “Estes, os problemas que nós lutávamos... às vezes, nós tínhamos que gastar do nosso

próprio bolso. A gente, às vezes, gastava com passagem pra ir lá pra baixo levar na mesa dos homens as condições do nosso bairro, o que precisava...E era isso que a gente fazia” (Sr. Antônio Candido de Almeida).

O que percebemos a partir daí é uma virada de narrativa, o que antes anunciava apenas carência, volta-se para a potência comunitária. Os moradores demonstram o sentido de lugar que existe na comunidade, presente nas lembranças de outros sujeitos, principalmente sob a liderança do Sr. Miguel de Oliveira, que na década de 80 era o presidente da Associação de Moradores e organizava a comunidade a fim de resolver os problemas locais.

“Eu sei que ele era uma pessoa que resolvia as coisas dentro do bairro. Loteamento, tudo ele resolvia. Mas... infelizmente não pôde continuar” (Dona Maria).

“Urbanização foi através do seu Miguel, né?. Miguel de Oliveira. Ele que lutou muito por esse lugar” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

“Já ouviu falar do Seu Miguel? Pois é, aquele Seu Miguel, no tempo que ele tava ali, a gente acompanhava sabe...a gente acompanhava a associação. Mas depois que ele morreu, a gente não acompanhou a associação não, sabe” (Dona Leni).

“Na associação, com o Seu Miguel de Oliveira que sempre tava no portão batendo, chamando: -*Olha a reunião!* Tinha sempre a reunião mensal pra tratar disso tudo. A gente, uma época, era sócio da associação, pagava uma certa quantia, né? Desde que parou

isso (...), porqueo seu Miguelque nos procurava, nos incentivava a ir nas reuniões. Ele batalhava...você via que ele tava batalhando pela melhoria do nosso bairro: urbanização, asfalto. Ele morreu defendendo o nosso bairro, a melhoria do bairro. Ele lutava pelo bairro” (Dona Zenilda).

“Naquele tempo, aquele homem [seuMiguel], ele lutou muito, assim, pelas vida das pessoas aqui dentro, né. Seu Miguel lutou muito pela comunidade (...) até a melhoria do bairro” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).



Foto17: Sr. Miguel (camisa branca), ex-presidente da Associação de Moradores, já falecido

A partir desses relatos é possível perceber o importante papel de uma liderança comunitária que possa articular a comunidade através da criação de vínculos e ações, onde todos e todas possam participar ativamente na luta pela construção e afirmação do lugar.

Os moradores revelam, ainda, a organização da comunidade em seu período de construção, quando a maior parte dos moradores (entrevistados) participava das reuniões votando e elegendo um presidente da Associação, além de participarem de outras atividades propostas pela Associação, o que constatamos através das recordações da Dona Maria Aparecida e do Sr. Antônio Cândido, abaixo.

“E é naquele tempo que eles fizeram um barracãozinho. De fato não era nem um barracãozinho, era uma meia-água bem pequenininha mesmo, né, de telha. E ali ele começou a chamar as pessoas pra associação. (...) Então, de primeiro, era maior porque ele convocava o povo. E o povo ia pra saber o que ia acontecer. Todo mundo naquela boa fé, de melhoria e tudo... Depois, o povo foi desistindo...” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza)

“A gente, muitas vezes, se uniu com o presidente da associação, que hoje já é falecido. A gente fazia abaixo-assinado, né, pra vir uma melhoria para o bairro, entendeu? A gente até ia junto com ele lá pra baixo, pra cidade. A gente se interessava muito pela melhoria do bairro porque melhorava para todos os moradores, né. Essas são coisas que começaram com essa pessoa, que já é falecida. E a gente tá aqui, vivo. Então, nós começamos dessa maneira, por uma associaçãozinha de morador que foi crescendo” (Sr. Antônio Cândido de Almeida).



Foto18: Reunião da Associação de Moradores



Foto19: Reunião da Associação de Moradores, déc.80

As lutas travadas pelos moradores de Vilar Carioca, visando, no passado, a regularização dos lotes, também é destacada no Plano de Ação Integrada (PASI, 2003) da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: *“A mobilização da comunidade pela regularização do loteamento é ante-*

rior a 1994. (...)A luta pela regularização dos loteamentos irregulares ocorreu de forma coletiva, resultando num movimento frente ao poder público”.



Foto20: Passeata dos moradores de Vilar Carioca



Foto21: Passeata, Vilar Carioca, déc.80

É importante ressaltar que esse movimento, embora reconhecido pelos órgãos públicos, ainda não alcançou seu objetivo final de regularização dos lotes, o Vilar Carioca, ainda hoje (2025) é considerado irregular, e seus moradores, no geral, não possuem o título de propriedade. Os moradores de Vilar Carioca, diretamente afetados, manifestam suas frustrações e desejos:

“É...era assim, um bairro cheio de lavoura, cheio de plantação de arvoredo e frutas. Até cheguei a plantar alguns pés de arvoredo, de frutas. Mas é isso como eu já falei... nós tínhamos dificuldade de iluminação, assim que eu vim pra cá. Um ano e pouco a Light já começou a botar iluminação nas ruas, nas casas. Eram muito poucos que tinha porque tava começando. Isso aqui foi aberto por uma loteadora, Várzea do Carmo. Então realmente ela deixou a gente numa má situação porque ela saiu fora, né, não deu os documentos que precisava, como a escritura dos lotes, essas coisas...E até hoje nós não temos a escritura do nosso imóvel...se eu quero negociar o imóvel, a imobiliária quer saber qual é o documento que a gente tem e a gente explica que tem documento, mas não é escritura. Então, não dá pra negociar. Pra mim é uma grande desvantagem. Estamos esperando pra vê se vai chegar esse tempo pra nós porque eu quero negociar meu imóvel. Eu quero voltar pra minha terra, que é Minas Gerais, entendeu... Não é por problema nenhum porque eu já aposentei, mas eu quero acabar de viver na minha terra. O que nós temos que reclamar é que ela [prefeitura] não deu a escritura

definitiva pro morador. Se você está com a escritura definitiva, comprovando que você tá pagando os impostos de tudo, você chega na imobiliária e o corretor vê que é verdade, que você é o dono. Apesar que, pelos anos que tem que eu moro aqui eu sou o dono, pelo usocapião, eu sou o dono” (Sr. Antônio Candido de Almeida).

“Eu não tenho documentação nenhuma. Eu tenho a promessa de venda de onde eu comprei, eu tenho até hoje, mas sem valor porque não foi legalizada. Aqui ninguém tem casa legalizada. O que tem valor é a casa ser legalizada na Prefeitura porque aí se terá a planta na Prefeitura com a metragem da casa, como valor que tem a casa. Qualquer casa aqui dentro não é lançada na Prefeitura e ela tem que ser lançada. O documento da casa, a gente só pode ter um documento aqui... arranjar um documento no despachante, no Arly, e fazer um documento da casa. Mas esse documento ele não tem validade porque tem que ser assinado pela Prefeitura, pela Secretaria Municipal da Fazenda” (Sr. Manoel Alves de Souza).

As lutas pela regularização das moradias foram desarticuladas, gerando preocupação que é compartilhada por seus moradores, podendo comprometer a união construída, como relata Dona Maria: “... todo mundo tinha que participar para que houvesse uma união, uma força, para ter o poder de chegar até o governo e pedir as coisas, porque, como diz o ditado, a união faz a força” (Dona Maria Galdino da Silva).

Acreditamos que a desmobilização da comunidade em torno das lutas comunitárias aconteceu por uma série de fatores, dentre eles a perda da liderança local, o Sr. Miguel de Oliveira, presidente da Associação de Moradores foi assassinado. Com o falecimento do Sr. Miguel, houve o enfraquecimento da Associação de Moradores, principalmente no que tange à participação social, é claro, vale destacar a Zona Oeste como uma região de “violência rotinizada” (GOMES, 2016)¹ com a atuação de grileiros, traficantes e milicianos, fato certamente ameaçador para as mobilizações populares.

Outros fatores foram as obras de urbanização que solucionaram os principais problemas de infraestrutura, fazendo com que as pessoas deixassem de reivindicar suas urgências, e o descaso dos órgãos públicos ou o “descaso periférico” (GOMES, 2016), que fecharam os olhos para os problemas apresentados e reivindicados pela comunidade, bem como a atitude politqueira de certos candidatos locais que prometiam em vésperas da eleição a solução imediata dos problemas e, passada a mesma, desapareciam da comunidade.

“Estamos esperando...Quantas reuniões já fizemos nessa associação, ali no Brizolão...Aí vem gente lá de baixo, os grandões que resolvem os problemas e prometem. Até hoje, quanto tempo tem isso? Quantos anos tem isso e nada apareceu, até hoje. Nós temos

¹ GOMES, Simone da Silva Ribeiro. *Oportunidades políticas e estratégias militantes em contextos de violência rotinizada: uma comparação entre a Zona Oeste do Rio de Janeiro (Brasil) e Guerrero (México)*. Tese de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

moradores antigos, primeiro eu, que tava na reunião. Todos os moradores vão, quase todos na reunião ouvir o que eles prometeram e, até hoje, nada” (Sr. Antônio Candido de Almeida).

Hoje, a comunidade está transformada, urbanizada e, ao ser contemplada pelo Programa Morar Legal, incluiu os moradores ao modo de vida urbano, ao asfalto, como afirma Cecília dos Santos: “*Eu gostei muito... tudo asfaltado, tudo bonitinho, né?*”. No entanto, continua Cecília dos Santos, “...não adiantou, porque não tem condução. A condução que tem são só essas kombis que a gente é obrigado a pagar. Ainda é humilhado dentro das kombis” (Dona Cecília dos Santos Silva).

Dona Cecília dos Santos identificou como um dos principais problemas da comunidade o transporte; a falta de ônibus de circulação interna que leve os moradores ao Centro de Campo Grande (principal área comercial da Zona Oeste), assim como avaliam os moradores Manoel Alves e Elpídio dos Santos, ao compararem a comunidade no passado e no presente no que tange aos serviços do ônibus e das kombis.

“Na época também não tinha...Há uns 10 anos atrás não tinha kombi aqui. Era o ônibus que entrava, mesmo com as ruas cheias de buracos. Às vezes, tirava os ônibus, não por... [silêncio]. Era por deficiência da rua, que quebrava os ônibus, quebrava feixe de mola, né? Os ônibus enguiçavam. Chovia, fazia lama e ficava muito ruim pro ônibus rodar. Rodava, mas não tinha kombi pra atrapalhar” (Sr. Manoel Alves de Souza).

“Agora não tem ônibus nenhum. Só essa tal de kombi aí, que atrapalhou aqui...apanhou a linha do ônibus, tudo aí” (Sr. Elpídio dos Santos Monteiro).

Sabemos que as kombis foram substituídas pelas vans, funcionando na mesma lógica precária e, na avenida Cesário de Melo, passou a existir o funcionamento do BRT (bus rapid transit) TransOeste, com estações mal conservadas, sem fiscalização sendo recorrente atos de vandalismo e depredação, sem revolver o problema da circulação interna da comunidade que se vê crescendo em termos populacionais.

Voltando às memórias comunitárias, ao falar do problema que se apresenta em Vilar Carioca e das melhorias que se deram ao longo do tempo, o Sr. Manoel Alves destaca:

“Eu tô satisfeito com o melhoramento que fizeram. A única coisa que eu... é o problema do ônibus. Problema do ônibus que todo mundo reclama diariamente. É o problema de não ter ônibus. Pra melhorar mais ainda, tinha que ter ônibus certo aqui. Transporte...” (Sr. Manoel Alves de Souza).

Para o representante da Cooperativa das kombis de Vilar Carioca (Cooperouro), que afirmou em julho de 2003 ter um quantitativo de 15 kombis para o atendimento de cerca de 20 mil habitantes, o serviço prestado, para ele, é suficiente.

“A gente tá atendendo o máximo e o impossível, né? Mas mesmo assim tem gente que reclama, mas dá conta. É que o pessoal nunca se conforma com o que tem, né?” (Sr. Nilson, representante da Cooperativa de kombis).

Outros problemas nos foram revelados, ainda que timidamente, através de poucas palavras, como os relatados por Dona Leni: “O maior problema é que esse pessoal nunca tem tranquilidade para viver (...) a violência tá em todo lugar...” (Dona Leni).

Problemas, também visíveis através de profundos silêncios, como os manifestados por Dona Zenilda: “[silêncio] Problemas que há em todo lugar, então não é bom nem citar, né. Problema da comunidade é o problema do Brasil” (Dona Zenilda). Ou ainda, problemas que não podem ser ditos, como nos confidencia Dona Maria Aparecida: “*São coisas que a gente não pode nem falar [risos] entendeu? Vou dizer, sossego*”.

Para alguns moradores mais antigos que viveram a metamorfose da comunidade, não há problemas em Vilar Carioca, conforme os relatos abaixo:

“Tá tudo bem, graças a Deus. Tá com asfalto aí. Eu acho que a gente, agora, estamos bem, aqui, né. Tem asfalto, tem água, temos a luz, temos tudo. Eu não me lembro de alguma coisa que esteja precisando aqui dentro. Só uma coisa (...) tá faltando o ônibus” (Sr. Gabino Barbosa).

“Não tem problema não, só melhorou. Existe problema em todos os lugares. A outra parte, não vale a pena falar” (Sr. Alvinho).

“De uns anos pra cá só teve melhora. O bairro todo asfaltado, entendeu? (...)Melhorar mais do que isso, só dois disso” (Sr. Nilson, representante da Cooperativa de kombis).

Para Dona Maria Aparecida, os problemas estruturais já foram solucionados e as novas gerações, por não terem vivido a construção da comunidade, não valorizam as melhorias feitas no lugar, conforme nos relata: “[Os problemas] foram resolvidos. [silêncio]. Hoje em dia, se faltar água dois, três dias, todo mundo reclama. Vejo o povo reclamando e digo: - *Ah, meu Deus! Ninguém morou no Carioca no tempo que não tinha água*” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

Percebe-se que a comunidade de Vilar Carioca melhorou muito desde seu processo de loteamento e ocupação até os dias atuais. Principalmente no que tange aos benefícios trazidos pelo Programa Morar Legal ao urbanizar a comunidade, como nos revelam Dona Zenilda e Dona Maria Galdino:

“[O que] mudou pra melhor acho que foi o asfalto, que não tinha. A gente andava na lama. A urbanização... [antes]quando chovia eram as valas negras. A gente tinha que pisar nas lamas, nas valas negras, né? Afinal, creio que só melhorou” (DonaZenilda).

“Porque isso realmente marcou. Esse esgoto, essa água que ele [Programa Morar legal] colocou foi a melhor coisa que aconteceu no Vilar Carioca porque estas valas negras que tinham aí, minha filha, este valão era horrível! Hoje, acabou com tudo. Foi a melhor coisa que aconteceu aqui” (Dona Maria Galdino).

Se, por um lado, os moradores apontam os benefícios da urbanização, por outro lado, revelam a fragilidade do movimento organizativo da comunidade decorrente da Associação de Moradores que se encontra sem poder de articulação local, o que se constitui, para muitos, em um problema a ser solucionado.

“Pra melhor mudou o saneamento básico, água, esgoto, asfalto, né? E pra pior, eu acho que a Associação. Ela não está junto com o povo, não se une com o povo pra resolver os problemas da comunidade. Porque se a presidente da Associação promovesse, entendeu, algo aqui pra dentro, juntamente com a comunidade, o Vilar Carioca melhoraria. Como por exemplo, trazer o ônibus de volta. Isso é coisa da presidente porque pra gente agir, a gente tem que ter alguém além da gente, na frente” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).



Foto22: Associação de Moradores, 2004

É claro que, de 2004 para cá, as lutas comunitárias já se reinventaram várias vezes, a própria AMAVIC – Associação Miguel de Oliveira dos moradores do bairro de Vilar Carioca – já rearticulou. É possível perceber, através dos relatos, sonhos e desejos que giram em torno da luta comunitária, da sustentabilidade da comunidade por meio da geração de emprego local para os jovens, de lazer, além do fortalecimento da Associação de Moradores.

“O que eu sugeriria é que esses menores, que tem aí, esses adolescentes, tivessem serviço para fazer, se ocupassem em alguma coisa. Então, o que eu acho é que pra melhorar tinha que existir emprego e, assim, a pessoa que nunca foi empregada, ter uma oportunidade de trabalho porque hoje em dia é difícil o jovem ter oportunidade de trabalho... Chega numa firma pra pedir um emprego, só se tiver experiência. As pessoas não nascem com a experiência...” (Dona Leni).

“Acho que colocar alguma coisa de emprego, alguma coisa pra empregar o pessoal da comunidade, pra não ter que ir buscar fora [daqui]. Ter uma agência, alguma coisa que empregasse, alguma coisa que deixasse a pessoa fazer dentro do seu próprio bairro, entendeu?” (Dona Zenilda).

Os moradores, ao tratarem da questão do emprego para os jovens levantam uma preocupação que é nacional e mundial, o desemprego que atinge os jovens das áreas periféricas. Este problema, em Vilar Carioca, se apresenta de forma acentuada.

Segundo o relatório do Plano de Ação Integrada (PASI) da Prefeitura (2003), o bairro de Inhoaíba, onde a comunidade está localizada, possui cerca de 18% de sua população na faixa etária de 15 a 24 anos e 30% na faixa de 0 a 14 anos, dados estes que sustentam a preocupação de Dona Leni e Dona Maria Aparecida ao tratarem da geração de oportunidades para os jovens: “Podia melhorar mais as atividades para o jovem, adolescentes e crianças. Eu creio que isso poderia melhorar mais, aqui, dentro da comunidade. Creio que poderia ocupar mais, entendeu?” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

Outros moradores, como Dona Ilma, que, ao se preocupar com atividades esportivas, levanta a questão das crianças nas ruas e a segregação socioespacial sofrida pelos moradores que, em geral, não têm acesso às atividades culturais, às quais se concentram, na sua maior parte, no centro e zona sul do Rio de Janeiro.

“Eu gostaria...eu fico pensando, vejo a televisão e falo assim: *-Puxa vida, na Rocinha, quase em todo lugar na cidade, no centro, na zona sul, que já tem tanta coisa boa, tem praia, tem teatro barato, tem tudo barato, de graça até, tem aquelas quadras olímpicas, né, um balé, com piscina, com judô.* Isso é a coisa que eu tinha mais vontade que tivesse aqui. Já pensou as crianças...não precisar se preocupar com as crianças, né? Porque tinha ali o dia todo pra fazer aquelas atividades. Pra mim, o que falta aqui é isso, mais nada. Que tivesse uma quadra olímpica. Quase todas as favelas têm direito, né? Pra mim, não precisava mais nada” (Dona Ilma Francisca de Oliveira).

O que os moradores idosos sonham para os jovens na comunidade nem sempre é o que eles, os jovens, desejam, conforme podemos observar nos relatos dos jovens Daniel Correa e Marcos Vinícius.

“O que eu mais gosto na minha comunidade é da pracinha, do Posto de Saúde e da Biblioteca [Cantoda Leitura]. A violência, o tráfico e os políticos que prometem e não cumprem são as coisas que mais prejudicam a vida dos moradores. O que falta na comunidade é transporte, lazer e policiamento” (DanielCorrea).

“O que eu preciso para ser feliz é ler mais, para interpretar os sentimentos com os quais os escritores escrevem. Expressar meus sentimentos de todos os jeitos possíveis para poder expandí-los. Contar com as amizades, para finalmente abrir meu coração e mostrar todos os meus sentimentos para com o próximo. Ter meu coração virado para todas as coisas relacionadas ao amor” (Marcus Vinícius).

A Construção do Centro de Cultura Negra Fruta do Pé, que funciona desde 2019, na Avenida Cesário de Melo, 6.300, no bairro de Inhoaíba e a criação do Parque Oeste (que para muitos moradores e pesquisadores deveria se chamar Parque Inhoaíba), na mesma avenida, no número 6.851, são exemplos de novos espaços de acesso aos equipamentos culturais e à memória do bairro, que como vimos, aparece como demanda da população.

Ao identificarem e perceberem os problemas da comunidade, os moradores projetam melhorias e, acima de

tudo, alternativas que o grupo, enquanto comunidade, pode se organizar para conseguir e resolver os problemas imediatos, retomando, assim, o sentido da luta comunitária, como nos revela a Dona Maria Galdino.

“[Sobre o ônibus]A comunidade tem que fazer um abaixo-assinado e levar ao prefeito, ao governador, ver quem pode resolver isso. Levar para a empresa [de ônibus]. Mas eu acho que, realmente, a comunidade... aliás todo mundo precisa [de ônibus], os idosos precisam, as crianças precisam, todo mundo vai precisar. Então, eu acho que todo mundo tem que fazer um abaixo-assinado sim” (Dona Maria Galdino da Silva).

Luta que foi desestimulada quando as autoridades ignoraram “o grito dos excluídos”, manifestado no passado através de passeatas feitas pela (e na) comunidade de Vilar Carioca, guardadas até hoje na memória de seus moradores: “Lembro... eu lembro de uma [passeata] que nós fizemos. Fomos até Dona Maria, negócio de placa e tudo. Mas não adiantava nada, não. A gente lutava, lutava com eles, e eles não faziam nada” (Sr. Gabino Barbosa).

O sentido da união da comunidade é observado pelos moradores, bem como a percepção de que a reconstrução diária do lugar se dá somente pelos próprios moradores através da participação coletiva, pelos sujeitos que vivenciam as agonias, angústias e aflições da comunidade.

“Porque é aquele negócio. Eu acho assim, a comunidade, ela tem que ser unida. Não

adianta nada eu ir lá fazer a minha parte e você não ir fazer a sua. Então, uma andorinha só não faz verão. Uma pessoa só, lutando, não tem como” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

“Porque ninguém melhor do que os moradores pra saber o problema do bairro, aquilo que nós precisamos, né?. Então, eu acho fundamental a participação dos moradores” (Dona Zenilda).

É possível perceber que o lugar Vilar Carioca está guardado na memória de seus moradores e se expressa a partir de dois momentos distintos: através de um passado longínquo de sítios, laranjais, lutas e vínculos comunitários; e um passado mais recente de urbanização e acesso aos bens públicos, ainda que escassos.

Vimos, contudo, que as conquistas decorrentes de uma luta coletiva pelo acesso aos equipamentos básicos, como a água encanada, o asfalto, a coleta do lixo, as escolas próximas às residências e o posto de saúde mostram que a urbanização, a melhoria da infraestrutura local, percebida enquanto resultado de uma luta coletiva, expressa um significado para a comunidade, revelando-se num símbolo:

“Aqui melhorou muito. Foi essa rede de supermercados, né, melhorou muito! Porque o povo pra fazer uma compra tinha que ir em Campo Grande. Hoje, não precisa. Todo mundo compra aqui mesmo” (Sr. Manoel Alves de Souza).

“Isso é do Vilar [silêncio]. Ó, eu acho que... depois que eu tô aqui já houve muitas con-

quistas. Já temos dois Brizolões, que é o lá de fora e o daqui. O Posto de Saúde, né, e os mercados que têm que ser ampliados, têm aumentado, então...” (Dona Zenilda).

“É difícil eu olhar assim e...que eu lembro do Vilar Carioca...eu acho que...quando eu passo nessas ruas cheias de barro ainda, penso: *Puxa, o Vilar Carioca um dia já foi assim, de barro, de não ter água...* Eu ainda me lembro. Graças a Deus que agora tem!” (Dona Ilma).

Outros símbolos foram imediatamente apontados por alguns moradores como a estátua do Cristo, colocada na época da urbanização em frente ao CIEP. Embora, hoje, a cruz esteja vazia, onde está o Cristo? Fica a pergunta e a torcida para que o símbolo retorne ao seu local

“Eu tenho conversado com as pessoas e senti que elas estão divididas. Seria muito importante que as pessoas tomassem consciência da importância daquele símbolo que está na frente do Ciep. Ele foi doado para a comunidade. É um bem. Não importa quem doou. Eu vejo em outras comunidades pessoas pegarem em armas, balas. Ali não, aquele símbolo significa religiosidade. Existem fotos de casamento, porque ali era um chafariz com um jardim fantástico em volta. Fotos de 15 anos, bodas de prata, até festas de confraternização de famílias. Acho que deveriam tomar conta para que possa ser mostrado pelas gerações. Pertence à comunidade. Acho que é uma referência. Quando você fala do Vilar Carioca, vem a pergunta: *-Ah!...Aque-la que tem um CRISTO?* É uma referência.

A comunidade precisa mudar. Antigamente era lindo [o símbolo] porque os “meninos” tomavam conta. Por que, então, não ser lindo agora que a comunidade toma conta?!” (Dona Conceição Rangel, Presidente da Associação de Moradores em 2004).



Foto23: Estátua do Cristo, 2004

A maior parte dos moradores partiu sempre das obras de urbanização como marco para caracterizar a comunidade, reafirmando a importância do modo de vida urbano. Todavia, alguns dos moradores mais antigos, como o Sr. Gabino, revelaram outros símbolos, como a Serra de Inhoaíba, portadora de um significado vinculado ao passado de sítios e laranjais da comunidade, bem como vinculado ao seu próprio passado de agricultor, que preserva até os dias de hoje através do cultivo de uma horta em sua casa.

“Olha, o símbolo que tem aqui no Vilar Carioca são esses morros [Serra de Inhoaíba]. Eu trabalhei aí plantando árvores também. Trabalhei dois anos aí nesse morro. Aquelas árvores que tão lá, foi tudo eu que plantei” (Sr. Gabino Barbosa).



Foto24: Serra de Inhoaíba, 2004



Foto25: Sr. Gabino (camisa branca segurando árvore), déc.70

Percebemos que, o que marcou a vida de muitos dos moradores no lugar foram as lutas comunitárias e elas culminaram no asfalto, na urbanização:

“Uma coisa que eu vou me lembrar pro resto da vida vai ser a comunidade que tá boa, asfaltada. Temos uma praça aí, que nunca teve isso. Era tudo mato, agora tá bom. Isso é um marco que a gente tem na vida, né?” (Sr. Gabino Barbosa)

“O que a gente vai se lembrar pro resto da vida é que o asfalto a gente sonhava muito de ter, esse asfalto aqui pra gente” (Dona Leni).

Vimos histórias de sujeitos que lutaram e lutam pela construção de seus lugares, revelando uma história que não consta nos livros. Uma história de lutas e esforços individuais e coletivos que reconstroem permanentemente o lugar e dão à (s) história (s) outro sentido, como afirma Walter Benjamin (1987): *“...a história é aberta, inacabada, e não pode ser definitivamente interpretada, mas pode e deve ser contada de outra forma, incumbindo a nós dar-lhe um outro sentido”*.

Assim, o caminho que percorremos através do trabalho de memória da comunidade de Vilar Carioca foi no sentido de ouvir as lembranças, as agonias e sonhos destes sujeitos, possibilitando um encontro entre o passado e o presente, e, quem sabe, *“retomar o fio de uma história inacabada, para tecer-lhe a continuação”* (BENJAMIN, 1982). E, através deste encontro, articular projetos para o futuro, onde os esquecidos, os excluídos, sejam com-

preendidos como sujeitos históricos, capazes de olhar para trás e perceberem que escreveram suas histórias e que, hoje, a vivenciam no presente, projetando utopias para o amanhã.



Foto26: Vilar Carioca em 2004

“Ah, enquanto a gente tiver vida vai lembrando, né. Por onde a gente passou, por tudo que já vem passando, né, e isso aí a gente vai ter sempre na mente, né” (Sr. Antônio Cândido de Almeida).

Retomar esses registros, muito atuais, mesmo que vinte anos depois, aponta que o direito à cidade é muito mais que o acesso aos equipamentos urbanos, que, como vimos, os moradores/as de Vilar Carioca somente tiveram acesso a partir de muita luta comunitária, principalmente através das associações de moradores. Esses ativismos comunitários foram centrais na Zona Oeste, desde antes da criação da FAMERJ (Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro), em 1978, até

o início do século XXI. Afinal, essa região sempre lutou contra o “descaso periférico” (GOMES, 2016), contra os interesses imobiliários e pela permanência no território.

Capítulo 3. O Lugar pós-urbanização: Transporte e Formas de Trabalho

Marcilon Bezerra

A comunidade de Vilar Carioca, com as obras de urbanização, sem dúvida obteve melhorias nas condições de vida em termos de infraestrutura, comércio e equipamentos públicos, como Posto de Saúde e escolas. Mas como a comunidade ficou em relação à mobilidade urbana e trabalho com a urbanização?

3.1 Meios de Transporte

Muitos moradores lembram das dificuldades de locomoção no início da ocupação do loteamento: “Antigamente, quando não era a pé era de bicicleta. Agora, só tem kombi, o ônibus parou!” (Sr. Wagner Luiz Soares). Dona Tânia lembra que “as pessoas se locomoviam a pé daqui à estação de Inhoaíba” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

Para quem não vivia em Vilar Carioca, chamava atenção (após o asfaltamento) o estacionamento de bicicletas no entorno da Escola. Com os relatos dos moradores percebe-se que esse meio de locomoção é antigo e ainda se mantém.



Foto27: Estacionamento das bicicletas



Foto28: Moradores e suas bicicletas, 2004

Os moradores se organizaram e buscaram junto à Associação de moradores, na época do presidente Miguel de Oliveira, uma solução para o problema do transporte. Conforme Dona Maria relata: “O Sr. Miguel era muito interessado aqui. Ele fazia passeata, organizava muitas

coisas aqui dentro. O Vilar Carioca hoje está assim porque ele correu muito atrás” (Dona Maria Iva).

A Associação de Moradores reivindicou à Secretaria Municipal de Transportes Urbanos (SMTU) uma solução, que resultou na circulação do ônibus na comunidade. Seu itinerário inicial era Vilar Carioca-Estação Inhoaíba, depois passou a ser Vilar até o centro de Campo Grande. Muitas mudanças ocorreram no itinerário. Os moradores recordam desse período:

“... Depois, a linha de ônibus 881, Vilar Carioca-Estação Inhoaíba tinha parado. Entrou um processo para que fosse transformado em Vilar Carioca-Campo Grande e começou a rodar” (Dona Conceição Rangel).

“O ônibus ia daqui até à estação. Teve um tempo que o ônibus saiu e passou a ser a pé. Muito depois vieram as kombis” (Dona Zenilda).

As diversas mudanças de itinerários do ônibus e sua instabilidade em se manter no local são apresentadas pelos moradores:

“O ônibus não é seguro [estável]. O mais seguro, agora, é a kombi porque o ônibus ninguém confia mais. De repente sai e deixa todo mundo na mão” (Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).

“Uma coisa que achei ruim foi o ônibus entrar e sair. No ônibus a gente não pagava passagem porque tem o cartão eletrônico. Não sei por quê o ônibus saiu aqui de dentro. Não era para ter saído” (Dona Cecília dos Santos).

“Quando já tinha o ônibus, a gente andava mais a pé do que de ônibus, a verdade é essa. Não dava para contar com o ônibus, então, eu não sei o motivo por que saiu, já era precário mesmo!” (Dona Heloisa).

Com a instabilidade do ônibus surge o transporte alternativo, apontado pelos moradores como a justificativa da ausência do ônibus:

“Depois que passou a ter as kombis, passou a ter um preço menor, era mais rápido que os ônibus, então, foi diminuindo os passageiros dos ônibus. Os estudantes estavam ocupando mais espaço do que os pagantes, inclusive os estudantes iam sentados e os pagantes em pé, com isso, não estava dando retorno para os empresários [de ônibus]” (Sr. Wagner Luiz Soares).

“Que felicidade, chegou a linha de ônibus! Mas ninguém pagava passagem, as pessoas queriam entrar de graça, por isso, a empresa resolveu reduzir devagar o número de ônibus. Começa o transporte alternativo, as kombis. A empresa de ônibus começou a achar que deveria tirar a linha, ela só estava aqui por força da lei, que exigia que ela permanecesse ou teria uma multa diária. Mesmo assim ela parou três vezes. Na primeira vez, a Associação de Moradores buscou trazer de volta. Na segunda, fizemos o mesmo e conseguimos. Na terceira, não fizemos nada. Doe a minha consciência, afinal, a empresa tem seus gastos, manutenção, combustível, salários dos motoristas, etc. Deixamos de lado por-

que... era muita. Desculpa a expressão, acho uma sacanagem você pegar seus filhos, idosos, botar todo mundo no ônibus (de graça) e você pega uma Kombi e paga passagem. Por isso, o ônibus não está mais rodando, e eu não estou me mexendo para isto porque acho que as pessoas tem que se conscientizar” (Dona Conceição Rangel, então presidente da Associação de Moradores).

O transporte alternativo se apresentou como a possibilidade de locomoção para os moradores de Vilar Carioca, apesar de muitos reivindicarem a presença dos ônibus.



Foto29: Ponto das Kombis, em Vilar Carioca, 2004

“O ônibus faz falta. As kombis são poucas e não tem espaço pra levar as crianças pra escola. E no ônibus a mãe fica mais despreocu-

pada porque ninguém tem todo dia dinheiro [da Kombi]pra ir para a escola. O ônibus chegou e saiu” (Dona Tânia Cristina).

“Hoje, meus netos estão numa situação pior. Tem condução, mas está pior para ir pra escola. Antigamente, eles nem imaginavam [ter] esse ônibus e kombi. Ia todo mundo a pé, satisfeito. Hoje, ficam tristes porque tem esse cartão e ninguém pode usar. Que absurdo isso! Acho que nosso lugar não está bom, por isso. Ele melhorou em tudo, menos na condução, não é verdade?” (Dona Maria Galdino).

Hoje, Vilar Carioca possui como transporte alternativo as vans e já conta com um terminal do BRT na Av. Cesário de Mello. Internamente, a comunidade continua sem ônibus.



Foto30: BRT Vilar Carioca, 2025



Foto31: Ponto das Vans de Vilar Carioca, 2025

3.2 Formas de Trabalho

Antes da urbanização não havia comércio e uma das formas de trabalho era nos sítios. Dona Maria Aparecida recorda dessa época: “Trabalhava mesmo era nos sítios, as pessoas apanhavam laranjas. Nesse tempo era no Ana Gonzaga que existia trabalho para as pessoas daqui. O Ana Gonzaga é muito antigo” (Dona Maria Aparecida).

O Sr. Gabino também lembra do seu trabalho:

“Tem aqui em Vilar Carioca esses morros, eu trabalhei aí plantando árvores. Trabalhei dois anos lá. Aquelas árvores foi tudo eu que plantei!” (Sr. Gabino Barbosa).

Com a urbanização, o comércio cresceu e foi se aperfeiçoando, atendendo as principais demandas da comunidade, como farmácia, supermercado, padaria, açougue e mercearias.



Foto32: Sr. Gabino Barbosa (calça e camisa branca) no seu trabalho, plantando árvores, déc.70

“Aqui melhorou muito! Essa rede de supermercado melhorou muito. Antes, o povo pra fazer compra tinha que ir em Campo Grande, hoje, não precisa, todo mundo compra aqui mesmo que é o mesmo preço de Campo Grande” (Sr. Manoel Alves).

O crescimento do comércio gerou emprego local, embora muitos sem carteira assinada. O Sr. Antonio relata que “o trabalho que mais tá sendo é o comercial” (Sr. Antonio Candido). Para o Sr. Manoel, “agora tem trabalho, tem uma porção de mercadinhos aí onde trabalham 4, 5 pessoas” (Sr. Manoel Alves).

Com o crescimento populacional de Vilar Carioca, o comércio local teve que se adaptar aos novos tempos e atender à demanda. Importante destacar o crescimento populacional em Inhoaíba (de 1991-2000. Vide Gráfico abaixo).



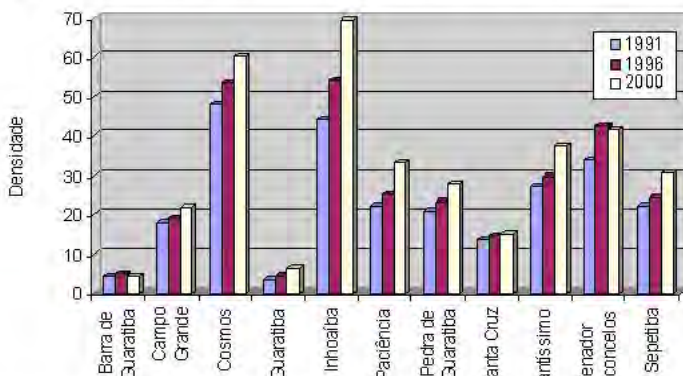
Foto33: O comércio de Vilar Carioca, 2025



Foto34: Mercados de Vilar Carioca, 2025

CAMPO GRANDE

Evolução da densidade 1991/1996/2000, por bairro (Hab./ ha)



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
 PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
 Fonte: IBGE - Censo 2000, IP P - Anuário Estatístico de 1996

De acordo com o Plano de Ação Social Integrada (PASI), de agosto de 2003, no que se refere à população local, estima-se que 13.200 pessoas moram no loteamento de Vilar Carioca, o que revela, segundo o PASI, “uma complexidade de questões e problemas presentes na área”. Neste plano é apresentada a seguinte distribuição da população por faixa etária (Tabela1):

Tabela1: Distribuição populacional por faixa etária

Grupos De idade	Homens		Mulheres		TOTAL	
	Hab.	%	Hab.	%	Hab.	%
0-3 anos	528	4%	528	4%	1.056	8%
4-6 anos	528	4%	396	3%	924	6%
7-14 anos	1.056	8%	1.056	8%	2.121	6%
15-17anos	396	3%	396	3%	792	6%
18-24anos	792	6%	792	6%	1.584	13%
Acima 25	3.168	24%	3.568	27%	6.732	51%
TOTAL	6.468	49%	6.736	51%	13.200	100%

Conforme os dados dos anos de 2000, apresentados na Tabela 1, Vilar Carioca possui maior percentual de mulheres como residentes (51%), enquanto moradores do sexo masculino são de 49%. A maior parte da população (51%) se encontra na faixa etária acima de 25 anos, idade em que as pessoas necessitam estar no mercado de trabalho, seja para constituir família seja para ajudar os pais ou para sua própria independência.

As obras de urbanização de Vilar Carioca, no seu início, absorveram mão de obra local. Muitos moradores foram contratados não só para as obras como também para o trabalho junto aos programas. Na serra de Inhoaíba, por exemplo, houve a execução do programa de reflorestamento que empregou um número, ainda que pequeno, de pessoas da comunidade. O Sr. Gabino relata que trabalhou nesse programa: “Trabalhei dois anos nesse morro. Aquelas árvores que estão lá, foi tudo eu que plantei” (Sr. Gabino Barbosa).

Os garis comunitários também representaram mão de obra local, assim como as escolas, creche, transporte alternativo, mercados, sacolões, açougues e o posto de saúde, constituindo formas de trabalho em Vilar Carioca.

O trabalho local se concentra, predominantemente, no comércio e serviços (mercadinhos, barraqueiros, padarias, supermercados, açougues, sacolões, transporte alternativo), de iniciativa dos próprios moradores e de instituições governamentais (Posto de saúde, creches e escolas).

Outro espaço que se apresenta como possibilidade de trabalho é o Parque Oeste, criado em 2024, em Inhoaí-

ba, na Avenida Cesário de Melo 6.825, no terreno onde era o antigo Instituto Ana Gonzaga, adquirido pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Importante e necessário que esses novos espaços na configuração urbana de Inhoaíba beneficiem seus moradores como espaço, não só de lazer, também de trabalho.

Capítulo 4.

Práticas Culturais e Religiosidade

Marcilon Bezzerá
Maria Bizzo

“(...)a cultura é compreendida como algo simbólico, determinando formas específicas da vida social humana e agindo na organização simbólica particular de cada sociedade” (Shalins, 1997).

“(...)a cultura é estruturada na simbologia, a qual permite que os seres humanos possam significar e personificar suas ações... tem o poder de diversificar a sociedade e influenciar o comportamento humano e a organização das sociedades. O comportamento humano, é assim, a materialização dos símbolos que são construídos historicamente” (Geertz, 1978).

Vilar Carioca, como outras tantas comunidades periféricas, possui uma história que não é contada. Uma história de luta, dores e alegrias, presente na memória de seus moradores que relatam seus costumes, momentos de festas e religiosidade, experiências vividas e compartilhadas na comunidade. Movimento de luta vivida pelo jeito que dá sentido ao processo de construção histórica.

4.1 Costumes, Brincadeiras e Festividades do Lugar

4.1.1 Brincadeiras de Rua

Antigamente, antes da urbanização de Vilar Carioca, ainda sem infraestrutura, as crianças tinham liberdade para brincar, “apesar de tudo isso, de não ter condições de vida, as pessoas ainda se alegravam” (Dona Heloisa).

Dona Vera Lúcia recorda que: “antigamente, as crianças não tinham maldade. Pai não tinha maldade. Agora, já tem tudo maldade. Brincava até tarde no escuro, não tinha luz, não tinha água. Tinha mato a vontade pra gente se esconder. A gente ficava igual cobra no meio do mato, se escondendo, brincando” (Dona Vera Lúcia).

Para o Sr. Gabino, “as brincadeiras eram a coisa mais bonita! Brincadeira de roda das moças, hoje em dia nem brincam mais disso. Aquela brincadeira que as moças tudo davam a mão e cantavam: *eu sou rica, rica, rica de marré, marré, marré. Eu sou pobre, pobre, pobre de marré derci*. Brincavam tudo de noite, com a lua clara, era muito bom!” (Sr. Gabino Barbosa).

Se antigamente “não tinha asfalto, não tinha luz, não tinha ônibus e não tinha água”, e hoje não tem a mesma liberdade de brincar, os moradores não perderam a alegria e esperança: “apesar de tudo isso, de não ter condições de vida, as pessoas ainda se alegravam” (Dona Heloisa).

4.1.2 O rio como local de brincadeiras

Mesmo com a falta de infraestrutura e de investimentos dos órgãos públicos, crianças e adultos do Vilar

sabiam se divertir. Eles usavam a própria precariedade do local para se divertirem. Alguns moradores lembram de um rio: “Tinha um rio, que depois que começou a encher de casas virou valão, e depois foi tampado. Quando chovia ele transbordava, invadia as casas das pessoas e tinha enchente” (Dona Vera Lúcia).

Dona Tânia diz que “...quando chovia era uma correnteza forte, a gente entrava [no rio] e tomava banho” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

O rio Papagaio nasce na serra de Inhoaíba, cruza a Avenida Cesário de Melo, a linha férrea e vai desaguar no rio das Rãs, no mesmo bairro. Em seu primeiro trecho, ainda no morro, ele está em área vegetada, mas logo encontra área de adensamento de moradias onde recebe descargas de esgotos e lixo.

O “rio-valão” era o rio Papagaio, passava pela Rua 112 e desembocava nas casinhas¹. As casas não enchiam por causa da chuva, mas devido ao lixo orgânico e inorgânico que alguns moradores jogavam no rio ou no seu entorno, o que proporcionava forte odor e grande mal-estar, como lembra Dona Ilma: “ali [no rio] só vivia cheio de lixo, cheio de bicho morto, cheio de móveis velhos” (Dona Ilma Francisco de Oliveira). Essa talvez seja a explicação de alguns moradores chamarem o rio Papagaio de valão.

Por outro lado, esse grande fluxo de água proporcionava alegria às crianças e, também, para alguns pais que

¹ A Prefeitura do Rio de Janeiro entregou à população da zona Oeste as obras de canalização do rio Papagaio, em Inhoaíba, realizadas pela Secretaria Municipal de Saneamento e Recursos Hídricos. Fonte: <https://fundacaorioaguas.prefeitura.rio/noticias/prefeitura-inaugura-obras-de-canalizacao-do-rio-papagaio/>

se encantavam com a beleza do rio e suas águas (quando) límpidas. Pois, quando chovia, a água suja que ficava no rio era levada pela chuva, a água que restava era limpa, vinha da Serra de Inhoaíba, fazendo adultos e crianças mergulharem no rio para brincar. Dona Tânia lembra bem disso: “Quando chovia era água limpa, quando não chovia era aquela água suja, aquele lodo” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

Dona Maria das Graças também lembra do rio limpo:

“a água era limpinha! Quando a pessoa é criança, a mocidade não esquenta com nada, então, as crianças tomavam banho dentro [do rio], inclusive eu também, já velhinha, tomando banho assim mesmo. Mas a água era limpinha, vinha lá do morro e não tinha muito morador” (Dona Maria das Graças).



Foto35: Rio Papagaio antes da urbanização, déc.70



Foto36: Rio Papagaio após urbanização, déc.90



Foto37: Rio Papagaio pós-canalização, 2015, em Inhoaíba

4.1.3 As Casas como Espaços de Festas

Além do rio como um lugar de brincadeiras e diversão de crianças e adultos, as próprias casas se constituíam em espaços de festas dos moradores, onde os amigos organizavam encontros. Dona Maria Aparecida recorda que,

“antigamente, tinha um grupo de colegas que um tocava acordeon, outro, tocava cavaquinho. O meu esposo, naquele tempo era solteiro, tocava pandeiro. Aí se reuniam nas casas para fazer pagode. A gente dançava a noite toda” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

O Sr. Manoel também recorda que “muitos faziam o pagodinho em casa. Eu, por exemplo, fazia aqui de 15 em 15 dias” (Sr. Manoel Alves de Souza).

Não só as casas se constituíam em espaços de festas e encontros, o barracão também, situado onde hoje é a peixaria, locadora, casa de rações e casa de videogame.

O Sr. Manoel lembra que, “tinha uma quadra, aqui na esquina, do outro lado da padaria, aquilo era uma quadra” (Sr. Manoel Alves de Souza). Dona Tânia também menciona que “ali onde é a locadora, tudo ali era um quintal vazio, se dava muita festa, se organizava quadrilha e festa junina” (Dona Tânia Cristina Tomé).

Outra festa lembrada foi a vaquejada, que acontecia no terreno onde hoje ficam as “casinhas”, nome dado a um loteamento de casa pequenas. Dona Maria Iva recorda: “tinha vaquejada, mas não era aqui, era para a banda [lado] de lá de dentro, para aquele sítio, ali para dentro” (Dona Maria Iva).

De todas as festas, nenhuma tinha mais envergadura que as festas de São João.

4.1.4 Festas de São João

Em quase todas as ruas ou espaços vazios se organizavam as festas. E uma das mais lembradas é do Zé Biriba.

“As festas aqui eram muito importantes. Sempre tinha festa caipira como a do Zé Biriba. Hoje, foi até construída a praça do Zé Biriba porque ele fazia uma brincadeira de caipira que era negócio de fogueira, essas coisas. Ele sempre gostou desses festejos” (Sr. Walter Barcelos Menezes).

“Aqui na minha rua eles faziam festa de São João. Dona Alverinda, o pessoal ali, eles faziam. Fechavam a rua e faziam a festa na rua. Era a noite toda. Eles pulavam, faziam fogueira no meio da rua” (Dona Natalice Eugênio de Souza).

“A festa que mais tinha aqui dentro, antigamente, era junina, que a gente fazia. Era eu, Jorge, irmão da Rita Canhão” (Sr. José Luiz Celestino, Zé Biriba).

“A festa junina existia, assim, nas barracas onde as pessoas se juntavam. Depois de muito tempo veio a festa junina com quadrilha. Inclusive o Juarez [marido] conheci ele marcando quadrilha na casa dele, na Rua 72, lote 1. Ele sabia marcar quadrilha, então, faziam quadrilhas. Tinha pagode, danças e depois marcavam quadrilha. Era o divertimento daqui” (Maria Aparecida da Costa Souza).



Foto38: Festa Junina de Vilar Carioca, década de 80



Foto39: Zé Biriba e a praça em sua homenagem, 2003

Seu Zé Biriba, com seu envolvimento na organização das festas juninas ficou imortalizado com seu nome dado à praça no local onde realizava as festas.

“Eu e Jorge formavam as festas aqui. Ele começou primeiro, depois, eu comecei fazendo aqui a festa junina, foi que veio meu apelido, Zé Biriba” (Sr. José Luiz Celestino, Zé Biriba).

4.1.5 O Futebol

O local onde hoje é a praça do Zé Biriba, além das festas juninas também era destinado para crianças e seus pais jogarem bola. Os próprios moradores cuidavam do local. Dona Zenilda lembra que “as crianças brincavam no campinho. Aqui não era praça, era um campinho que eles mesmos faziam pra brincar.” (Dona Zenilda).

Dona Maria Aparecida recorda que,

“o futebol que tinha aqui era igual aquele campo ali [do lado do 2º Brizolão], era um terreno baldio. O povo que jogava lá, naquele tempo, falava que era pelada porque não era o mesmo futebol, naquele tempo era pelada. Quando era aqui na praça do Zé Biriba tinha muito [futebol]” (Dona Maria Aparecida da Costa).

Antigamente, pela falta de espaço para o futebol, os moradores improvisavam. Onde hoje tem os dois Brizolões (CIEPs) do Vilar Carioca, o primeiro, Engenheiro Wagner Gaspar Emery, o segundo, Alberto Cavalcanti, os moradores organizavam esses espaços para a prática do futebol.



Foto40: 1º Brizolão Engenheiro Wagner Gaspar Emery



Foto41: 2º Brizolão Alberto Cavalcanti

Dona Natalice lembra “onde é o Brizolão [Engenheiro Wagner Gaspar Emery] era um campo de futebol. Só que quando enchia de água não podia e era muito mato. Então os homens que iam brincar de bola tinham muitas dificuldades” (Dona Natalice Eugênio Souza).



Foto42: Futebol no Campo de Zé Biriba, déc.70

Para Dona Claudete, “o campo de futebol que sempre teve era um pedacinho, ali, em frente à barraca do Poloza, onde hoje é o posto de saúde” (Dona Claudete).

É preciso lembrar que, mesmo antes de ter espaço próprio para o futebol, as ruas proporcionavam jogar uma bela pelada, pois, a rua era totalmente de barro e bem larga. Era um campo na rua ou a rua era o próprio campo. Mesmo com as dificuldades de espaço, os moradores não desanimavam em transformar os espaços precários em local de futebol.

Quando iniciou a construção do primeiro Brizolão, os moradores perderam seu espaço para o futebol. Atrás do segundo Brizolão, Alberto Cavalcanti, tem o campo

Poloza, antes eles não eram separados, faziam parte do mesmo terreno e com os mesmos problemas da comunidade como um todo, conforme Dona Maria Aparece recorda:

“Nesse campo não tinha meio de andar. Quando chovia era muita lama, e só tinha um caminho que a gente passava no meio do campo para sair do outro lado. Hoje em dia é o Brizolão, até então era um caminho por onde a gente passava. Muitas vezes a gente colocava pedra pra ir pulando e sair do outro lado. Lá formavam um campinho” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

No momento da construção do segundo Brizolão, os moradores ficaram com medo de perder aquele espaço do futebol e reivindicaram a permanência do campo, afirmando a importância do futebol para o local, conforme lembranças do Sr. Walter Barcelos:

“Esse Brizolão foi interessante. Ele começou na época do governo Brizola e quando terminou o mandato dele parou a obra. Depois, quando veio o outro mandato para terminar o Brizolão já tinha uma quantidade de pessoas que queria uma praça. Eles não queriam o Brizolão. Então, José de Oliveira, deputado de Bangu perguntou: - O que vocês querem para o Vilar Carioca? Eu falei: - Um colégio para o 2º grau porque nós temos vários colégios, mas para os jovens de 14, 15 anos, fica difícil estudar. Colégio de 2º grau não tem em Vilar Carioca e é muito importante. Isso ficou registrado e ele fez o pedido. Du-

rou muitos anos até sair. Então vieram com o projeto do Brizolão, com computadores, mas que não foram instalados. Outro grupo não queria porque tinha um campo de futebol. E falavam: - Nós, toda vida apoiamos o campo de futebol, pessoal que joga com meus filhos que se criaram jogando bola aí. Então nós podemos fazer as duas coisas, ter o colégio e o futebol. Podemos preparar o campo de futebol, deixar organizado, gramado, nivelado. O campo continua, isso é uma coisa tradicional, antiga no Vilar Carioca e vai continuar! Então, continuou a obra do Brizolão e hoje temos a felicidade de ver tudo gramadinho e o 2º grau, os jovens estudando ali. Esse foi o privilégio da minha filha que deu aula ali” (Sr. Walter Barcelos Menezes).



Foto43: Campeonato de Futebol, 2005



Foto44: Campo Poloza, 2005

Pudemos notar que o futebol é uma prática tradicional do Vilar Carioca e seus moradores lutaram para conquistar seu espaço. Se antes o futebol era chamado de pelada, como lembra Dona Vera: “era só uma pelada”, hoje, o Vilar possui times de futebol e puderam se organizar e ser reconhecidos até por quem não pratica futebol, como relembra Dona Ilma Francisco: “Era uma peladinha, não chegava a ser como agora, que vem até de fora, né”.

4.1.6 Folia de Reis

Outro costume de Vilar Carioca era a Folia de Reis, que percorria o bairro todo ano, divertindo toda a comunidade e expressando um pouco da cultura popular, conforme lembranças de seus moradores: “tinha Folia de Reis no mês de janeiro. A gente saía acompanhando a folia. Era o divertimento do Vilar Carioca” (Dona Maria Aparecida da Costa).

Dona Natalice também recorda desses momentos:

“Tinha um grupo de Folia de Reis que andava a rua todinha, entravam nas casas fazendo aquele trabalho de folia, cantando. Como fosse do interior mesmo, sabe. Pulavam os palhaços na rua, a gente via, a gente pulava, era legal!” (Dona Natalice Eugênio de Souza).

A comunidade do Vilar brincava na Folia de Reis e depois já entrava em outra diversão, o carnaval.

4.1.7 O Carnaval

O carnaval do Vilar Carioca era formado por blocos e bate-bola, considerado um dos melhores da região. Dona Claudete lembra que “carnaval tinha lá fora, na Maria Portuguesa” (Dona Claudete). Em frente à padaria da Maria Portuguesa ficava o coreto que divertia os frequentadores. Dona Maria Iva também recorda: “ah, negócio de Carnaval tinha! Fazia no coreto ali, na dona Maria Portuguesa, como sempre faz. E lá dentro, eles faziam também” (Dona Maria Iva).



Foto45: Padaria da Maria Portuguesa

Outros moradores também recordam das festas:

“Quando era época de Carnaval era uma graça! Eu sou cristã desde pequena, mas eu achava bonito ver eles [bate-bola] passarem. Ó, eu sentava do lado de fora, botava meus filhos, a Sandra e Paulo César, aqui, do lado, aí deixava... Eles passavam, não batiam nos meus filhos e eu dizia: *-Você não bate neles não!* Eles vinham tudo, chegavam e paravam. Então, o menino brincava, meus filhos pulavam e brincavam. Distraía muito!” (Dona Zezita).

“Ah! Carnaval... Primeiro tinha bloco, né. Primeiro passava o bloco na rua. Aqueles blocos bonitos! Eu era criança, me lembro, passava aquele bloco, todo mundo cantando, brincando. Hoje em dia acabou também, né” (Sr. Gabino Barbosa).

E para animar as festas que aconteciam no Vilar Carioca era preciso de música!

4.1.8 Grupos Musicais

Em Vilar Carioca, grupo de moradores tocavam nas festas que se realizavam. Os moradores recordam desses momentos:

“o meu irmão Luciano formou uma banda de pagode. Sei que em 1988 ela já existia. Eu lembro que era formada pelo meu irmão, que tocava violão, Antonio, meu primo Adalberto também participava. Meu filho agitava, né...E aí, acabou desfazendo” (Dona Zenilda).

“Ele tocava aqui, tocava fora. Ele, Toinho, sabe quem é Toinho? É o que está agora. Ele,

Toinho e muitos rapazes de lá” (Dona Maria Iva dos Santos).

“Tinha esse grupo de pagode, né. Apresentava, às vezes, essas festinhas, assim, de rua, né, como no Zé Biriba. Festinha de rua, isso que de vez em quando eu via. Ah! fulano tá tocando no grupo de pagode, não sei o quê, ouvia eles falarem” (Dona Ilma Francisco de Oliveira).

“Eu sei que existia um grupo que tinha o Edson. Tiveram um grupo de pagode, né. Muito bom, na época! Eu acho, se eu não me engano, que o nome do grupo de pagode era Sangue Novo” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

Vimos que, a partir das narrativas de experiências de um tempo de festas, brincadeiras e costumes dos moradores de Vilar Carioca, importantes espaços foram construídos a partir da solidariedade, camaradagem e convivência entre os moradores, e a cultura existente se torna assim perceptível, através da ação dos sujeitos históricos, como ressalta Marshall Sahlins (1990, p. 174), “a estrutura ocorre enquanto evento, isso faz com que essa estrutura se torne sujeita às contingências. É na vida cotidiana que a cultura é experimentada e vivenciada”.

4.2 Religiosidade

Em Vilar Carioca, antes da urbanização, na época em que era “só mato”, “barro puro”, conforme lembranças dos moradores, os centros de umbanda e candomblé se destacavam na comunidade. Eram muitas as casas que se transformavam em lugares de rituais, em terreiros famosos e muito visitados.

“Dizem que, antigamente, quando isso aqui era mato, na época do sítio, do laranjal, tinha muito candomblé aqui. Candomblé, Centro Espírita, dizem que tinha muito por aqui. Mas não foi no meu tempo não. Eu não cheguei a alcançar. Mas, diz o povo mais antigo aqui que tinha Centro” (Sr. Manoel Alves de Souza).

“Tinha muito Centro de macumba aqui. Primeiro que as igrejas. Muito Centro de macumba” (Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).

“Eu me lembro de dois, não sei se tinha outros, né. Tinha um, lá em cima, não sei se era na Rua 103, chamavam até de Centro Azul. E tinha outro, ali na rua...chamavam até... Era mãe Ângela, uma baixinha, forte. Eu me lembro disso, daqueles dois, assim” (Dona Zenilda).

“Olha, naquele tempo era...o Vilar Carioca, aqui, era mais o que eles falavam...era Centro!” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

O bairro de Inhoaíba guarda uma história ancestral negra por ter sido formado por grandes fazendas de cana-de-açúcar e laranja, com o trabalho de negros escravizados. Em 1958 foi criado o Monumento dos Abolicionistas através de abaixo assinado da população local reivindicando o busto de Tio Quincas, antigo negro escravizado. A praça, que depois viria a se chamar *Praça dos Pretos Velhos*, passou a ser local para os cultos afro-brasileiros.

Milhares de pessoas e dezenas de terreiros de Umbanda reuniram-se para a festa que se tornou uma tradição e se consagrou como o maior ritual coletivo de

Umbanda no Brasil. Governantes e autoridades locais compareceram.



Fonte: A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ) <https://inhaoiba-zona-oeste-rj>



O velho Tio Quincas, modelo que serviu a Miguel PASTOR para o monumento ao "Prêto Velho", em Inhoaíba, cercado por "filhos" de fé e demais irmãos das seitas. Ao seu lado a talorizá d. Leticia

UMBANDA PREPARA-SE PARA FESTEJAR O DIA DA ABOLIÇÃO

COMEMORAÇÕES NA PRAÇA DO PRÊTO VELHO, EM INHOAÍBA



scultor Miguel Pastor, em a edição quando Jalapa, a LUTA DEMOCRÁTICA

PARA comemorar a passagem de mais um aniversário da proclamação da Lei Áurea, os umbandistas e demais adeptos das seitas afro-brasileiras, de todo o País, estão preparando um vasto programa de solenidades, que será orientado pelos diversos órgãos diretivos.

Um dos locais escolhidos para a realização dos festejos é a Praça do Prêto Velho, situada na confluência das Ruas Adolfo Lemos e Cesário de Melo,

em Inhoaíba, onde foi instalada um monumento do escultor Miguel Pastor, que usou como modelo o velho Manuel Quincas, o "Tio Quincas" de todos os moradores do bairro e que, aos 109 anos, deixava mais de 100 netos, sendo o primeiro morador da hoje populosa Estação de Inhoaíba.

ARTE E FOLCLORE

Serão postas em destaque, durante as comemorações da

passagem do "Dia do Escravo" obras do escultor Miguel Pastor, alusivas à raça que no dia 13 de maio rejubila-se pela libertação de seus antepassados. Entre as obras a serem selecionadas estão "Monumento à Princesa Isabel", "Abolicionista" e "Prêto Velho". É pensamento do artista criar, com o objetivo de pôr em relevo a conquista abolicionista, o que ele chama de "arte folclórico-religiosa-afro-brasileira".

Fonte: A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ)

A Festa dos Pretos Velhos tem sua origem nos cultos aos espíritos dos antepassados africanos trazidos pelos

negros, oriundos do grupo Bantu. Somente em 2015, sob a lei nº 5989 de 16 de outubro, a praça onde foi erguido o busto de Tio Quincas foi reconhecida sob a denominação *Praça dos Pretos Velhos*.

Portanto, é de se imaginar que os moradores de Vilar Carioca recordem dos tempos dos Centros de Umbanda e Candomblé tendo em vista a história ancestral do bairro de Inhoaíba.

Com a urbanização de Vilar Carioca vieram as primeiras igrejas. Dona Vera Lúcia recorda que “depois que começou a ter rua, ter luz, ter água, aí foi começando a fazer a igreja católica, igreja cristã...” (Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).

Uma das primeiras igrejas que surgiu no Vilar Carioca foi a Assembleia de Deus, da Rua 45. “A primeira igreja do Vilar Carioca foi a Assembleia de Deus, ali embaixo, na Rua 45” (Sr. Walter Barcelos Menezes).



Foto46: Igreja Assembleia de Deus de Vilar Carioca, 2004

Logo depois, veio a Batista, conforme relatos dos moradores:

“Quando eu vim para aqui tinha a Batista, uma que tem lá dentro. E tinha também essa Assembleia. Só que eu não conhecia. Vim a conhecer depois que conheci o meu esposo.” (Dona Natalice Eugênio de Souza).

“Nessa época que eu cheguei aqui tinha uma, duas igrejas evangélicas” (Sr. Gabino Barbosa).

A igreja Batista tem uma história interessante. O seu terreno foi doado por um dos fiéis, o Sr. Walter Barcelos Menezes, que recorda:

“A senhora que era dona do terreno, era de Minas, recebeu uma herança e comprou esse terreno, o lote 1. O lote 2 era do seu irmão de Bangu, que comprou. E eu tomava conta do lote 1. Plantava aipim, batata, zelava pelo lote. Nós ficamos muito conhecidos. Todo ano, final de ano...ela era casada com um oficial da marinha. Eles moravam lá na Ladeira do Barroso, na cidade e vinham sempre, uma vez, duas vezes por ano aqui. A gente tomava um cafezinho, almoçava juntos. A gente tinha aquele carinho. Conversava sobre o evangelho, e ele [o marido] até não gostava do evangelho. Disse que lá na marinha não tinha esse costume. Mas ele acostumou. A gente conversava sobre, e ele gostava muito. Quando foi a data do meu aniversário, ele falou: -*Ó, minha esposa vai lhe dá um presente*. Eu fiquei, assim, preocupado. Que presente será? Aí, quando chegou na data do meu aniversário ele me chamou e falou: - *Nós não vamos vir maisr aqui. Eu, no*

meu serviço vou mudar daqui do Rio e ela vai lhe vender esse terreno pela metade do preço. Quanto é que você comprou o seu terreno? Eu falei: -O meu, naquela época foi 5 mil réis, naquela época. Ele falou assim: -Olha, ela vai te vender por 2.500, e vai te dá a outra metade. Você paga a metade. Comprei e passei pra igreja. Então, foi doado pra igreja. Eu doei o terreno e doei a mão de obra pra construir a igreja” (Sr. Walter Barcelos Menezes).



Foto47: Igreja Batista de Vilar Carioca

Outra igreja que também teve sua origem através de doação de terreno foi a igreja católica Divino Espírito Santo. Ela foi uma das últimas igrejas a se instalar no Vilar Carioca. Quando foi fundada já existia a igreja evangélica no Vilar. Por iniciativa de alguns moradores que

viram a necessidade de uma igreja que não fosse evangélica, resolveram fundar a igreja católica.



Foto48: Igreja Católica Divino Espírito Santo de Vilar

Após um número significativo de fiéis católicos, os mesmos procuraram a Companhia Várzea do Carmo, que loteou o Vilar, e pediram para que ela doasse o atual terreno para eles construírem a igreja. A Companhia prontamente atendeu ao pedido dos moradores, já que no projeto apresentado pela mesma, junto à prefeitura, estava previsto áreas destinadas a praças e serviços públicos.

Ainda na fase de construção da igreja católica seus fiéis moradores realizavam as missas numa casa que ficava em frente à igreja, até que a obra fosse concluída.

“Não, aqui não era igreja, era casa de família onde as missas eram celebradas. Como não tinha nada levantado, ainda era tudo mato, quando tinha começado, tava em fundação, levantando aquele primeiro salão, foi celebrada a primeira missa aqui. Botamos bancos aqui, e assim era a missa” (Sr. Valdir).

As igrejas Assembleia de Deus, Batista e Católica foram as primeiras construídas no Vilar Carioca. Depois delas, vieram muitas outras. Conforme lembranças de Dona Natalice, “eu sei que tem Testemunha de Jeová, Católica e Evangélica” (Dona Natalice Eugênio de Souza).

“Ah, hoje têm muitas...muita Igreja Evangélica. Tem a Igreja Católica, ali, que se tornou um templo bem grande, em vista do primeiro. E muitas igrejas evangélicas, né” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

“Têm várias religiões, né. Tem a Testemunha de Jeová, a Assembleia de Deus, tem a Igreja Batista” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

Hoje, no Vilar Carioca, há uma predominância de igrejas evangélicas, em torno de 55, 01 igreja católica e 01 Batista.

“A igreja católica levou mais de 10 anos sendo construída. Vieram a se realizar agora, com uns cinco anos pra cá. E o mais, é igreja de crente. Sempre houve igreja de crente, mas, nem tanto como tem agora, né. Igreja bonita, tem agora” (Sr. Manoel Alves de Souza). “Existe igreja católica, mas é só uma, né?” (Dona Claudete).

“É... igreja de crente tem muito aqui dentro. Muito mesmo. Católica tem aquela que construiu. E, também, tem poucos anos que construíram aquela igreja” (Dona Cecília dos Santos Silva).

“Bom, quem tem mais igrejas são os cristãos [evangélicos], né? Porque só tem uma católica ali. E igreja, deve ter mais cristã [evangélica]. Acho que deve ter quase umas vinte, né? E a católica mesmo só tem uma” (Dona Ilma Francisco de Oliveira).

A igreja católica teve seu nome escolhido no final da missa, quando o padre fez um sorteio para a escolha do nome. Todos que estavam presentes naquele momento, na igreja, tiveram o privilégio de escolher o nome.

“Nós fizemos parte da... Isso aí foi comunidade, entendeu? Teve a missa no salão. O salão tava ainda sem nada. O padre botou o pessoal pra fazer uma escolha do nome, né. Fez um jogo, assim, a gente jogava um caroco de milho pra um canto e pro outro. Quem ganhasse mais é que dava o nome. Então, Divino Espírito Santo foi premiado, né” (Dona Nelita).

Antigamente, quase todas as igrejas do Vilar Carioca eram pequenas. Hoje, elas estão grandes, atendendo um número cada vez maior de fiéis. A igreja Universal, por exemplo, se instalou em 2006 na Av. Cesário de Melo, em um espaço maior para melhor atender seus fiéis.

A igreja católica teve o seu ápice quando Vilar Carioca foi urbanizado, momento em que a igreja aumentou seu tamanho e fizeram uma praça no seu entorno. Nesta

praça a igreja pode organizar suas festas e atender um maior número pessoas.



Foto49: Igreja Universal de Vilar Carioca, 2025

As igrejas têm ajudado a comunidade, não apenas com seus cultos ou missas, mas, também, com atividades para os jovens e com doações de cestas básicas, atendimento médico, entre outros serviços, conforme seus moradores relatam:

“Os católicos têm a igreja deles ali dentro. Eles estão sempre ajudando as pessoas com bolsas de compras. É uma coisa que eu sei que eles fazem. Os evangélicos também evangelizam no bairro e ajudam com compras, medicamentos. São muitas igrejas e todas elas trabalham assim, ajudando a comunidade com medicamentos e compras” (Dona Natalice Eugênio de Souza).

“A campanha do quilo é cada um da comunidade leva um quilo, no primeiro domingo do mês. O grupo ajuda, divide, né. Doa aquilo que puder, entendeu? Senão, fica difícil. Leva aquilo que puder” (Dona Nelita).

E, dessa forma as igrejas de Vilar Carioca se consolidam e expandem com grande influência. Elas não apenas evangelizam como se solidarizam aos moradores.

“Olha, no Vilar Carioca tem muita coisa, muita coisa... que vai marcar muito as pessoas que se envolveram com o tóxico. Como aconteceu há poucos dias, em Campo Grande, tem acontecido várias vezes das pessoas me pararem para dizer: - *Olha, fui ajudado pelo senhor porque eu me envolvi em determinadas coisas e hoje eu mudei a minha vida. Hoje sou cristão.* Aconteceu essa semana de novo quando eu parei pra tomar um café em Campo Grande, um rapaz veio e bateu nas minhas costas e disse: - *Olhe, sou do Vilar Carioca. Minha mãe já foi da igreja e eu era garoto quando sai de lá. O senhor não me conhece, talvez não lembre de mim...* Ele falou o nome do pai dele e eu disse: - *Teu pai eu conheço muito, fui seu conhecido porque já partiu, mas eu conhecia muito o seu pai. Tua mãe conheci muito na igreja, cantando.* Aí, ele disse: - *Olha, eu hoje não tô na igreja, mas aquilo que eu era, mudei. Não sou mais aquilo.* Então, aquilo que a gente contribuiu pra mudar a vida das pessoas para melhor, isso marcou muito pra mim. São muitos os que têm falado. Eu encontro muitas pessoas que

são testemunhas e que dizem o que aconteceu, que a vida mudou. Isto marca muito a gente aqui” (Sr. Walter Barcelos Menezes).

Vimos que as igrejas têm um importante papel na organização social de Vilar Carioca. O modo como surgiram se dá como uma experiência coletiva, desde a doação de terrenos até a escolha do nome. As ações desenvolvidas refletem esse fazer social para além dos cultos, interagindo no cotidiano dos moradores através de acolhimento, aconselhamento e de solidariedade.

As experiências na organização dos espaços de diferentes formas de religião em Vilar Carioca demonstram uma convivência de respeito à diversidade religiosa que se afirma cada vez mais necessária, em tempos de intolerância religiosa, ao exercício diário de alteridade e cidadania.

Capítulo 5. Permanências, Rupturas e Transformações Culturais

Maria Bizzo

A urbanização de Vilar Carioca, na década de 90, trouxe melhoria na infraestrutura local e também um modo de vida diferente, inserindo a comunidade no modo urbano. Muitos dos moradores fazem comparação de um tempo rural para o urbano e as transformações por eles vivenciadas.

“Olha, daquele tempo pra cá eu acho que não tem mais nada. Não tem mais, não porque acabou, né. A festa junina acabou, não tem mais aquela coisa que era. O carnaval acabou...” (Sr. Gabino Barbosa).

“A festividade que tinha antes não tem. Festa junina não tem mais” (Dona Natalice Eugênio de Souza).

“O que acontecia antigamente, hoje em dia a gente não vê mais nada” (Dona Tânia Cristina Tomé Decúpero).

“De antigamente... [silêncio] eu acho que acabou tudo, não existe, né?” (Dona Zenilda).

Conforme os moradores relatam, não tem mais o modo como era, “não por que acabou”, outros modos de

fazer e acontecer foram incorporados a partir da dinâmica social e dos novos tempos.

Antigamente, a precariedade fazia com que os moradores lutassem pelo que queriam, como as festas, que eram organizadas nas próprias ruas ou em espaços “abandonados”. Todos queriam um divertimento, pois, não havia nada no local. Isso fazia com que os moradores improvisassem espaços para que pudessem brincar ou organizar suas festas.

A Igreja Católica ainda organiza suas festas para arrecadar fundos para sua manutenção, como as festas Junina, da Primavera, de São Sebastião, do padroeiro da Igreja, etc. Como Dona Nelita diz: “É pra construção da igreja” (Dona Nelita). Outros moradores também relatam essas festas:

“Tem a igreja católica lá, e tem a festa da igreja católica!” (Dona Maria Nascimento da Silva).

“Tem uma festa ali, na igreja católica, muito grande. Parece que é um dia, ou dois, eu não sei qual é o dia” (Dona Ilma Francisco de Oliveira).

“Tem aquela igreja católica que, na época, também não tinha, né. Aí elas dão sempre... dá sempre festa ali, né.” (Dona Zenilda).

“Demora muito, mas fazem a procissão. Fizeram um dia desses aí” (Marido da Dona Natalice Eugênio de Souza).



Foto50: Organização da Festa Junina, Igreja Divino Espírito Santo, 2025

Depois da urbanização, as ruas ficaram menores e o grande fluxo de carros impossibilita, hoje, aquelas brincadeiras de rua que antes ocorriam.

Após tanta luta e resistência, o Campo de futebol do Poloza ainda (re)existe. Hoje, está totalmente cercado, com seus times de futebol, uniformes e seus campeonatos, que conta com a participação de times locais e de outros bairros. Por isso, hoje podemos falar que o Vilar Carioca tem futebol, e não pelada. Como Dona Vera relata, “tá tendo até campeonato...” (Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).

As festas que antigamente eram realizadas nas casas das pessoas também mudaram. Hoje, há espaços apropriados para as festas como um salão de festas, por exemplo, que já é possível encontrar na localidade. Con-

forme relato de Dona Maria Aparecida: “hoje em dia, as pessoas preferem mais o clube...alugar clube, né” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

Os novos hábitos e festas em Vilar Carioca acompanham a tendência dos tempos, como Dona Maria Aparecida e Dona Vera Lúcia relatam:

“Tem o *funk*, tem essa aeróbica, tem tudo, né? Muita coisa agora, que eu nem sei falar os nomes. Eu moro tanto tempo no Carioca, agora, as coisas novas, eu nem sei falar. Meus filhos até riem de mim [risos]” (Dona Maria Aparecida da Costa Souza).

“É baile *funk*, é pagode, é...só essas bobearas, agora, de hoje” (Dona Vera Lúcia Pereira da Silva).

Os moradores de Vilar Carioca podem contar, hoje, com um Centro cultural próximo à comunidade, o *Centro de Cultura Negra Fruta do Pé*, em Inhoaíba, na Avenida Cesário de Melo, 6.300. Fundado em 2019, por Breno Batista, com proposta de fortalecer a identidade e a memória negra a partir do samba. O Centro foi construído coletivamente e é conduzido por cinco produtores: Alexandro Pereira, Carla Batista, Kawan Lopes, Luciano Francisco e Rodrigo Wellerson. Para Kawan¹,

“Eu vejo o Fruta como um lugar de pertencimento enquanto jovem preto, de impulsionar e valorizar a população negra do território da Zona Oeste. É sempre um privilégio estar fortalecendo o Quilombo do Samba” (Kawan Lopes).

¹ Fonte: <https://rioonwatch.org.br/>

Além da Roda de Samba Fruta do Pé, que acontece todo terceiro sábado do mês, o Centro Cultural oferece aulas de percussão, samba no pé e capoeira. De quinze em quinze dias ocorre a Roda de conversa *Reflexões Pretas*, com o objetivo de reunir pessoas negras que estejam interessadas em se aprofundar na busca da autonomia cultural, política e econômica. Ao se apresentarem e falarem o porquê de estarem naquela roda, os presentes têm respostas semelhantes: “acolhimento, pertencimento, quilombo, identificação, resgate”².



Foto51: Centro de Cultura Negra Fruta do Pé
(Fonte: <https://rioonwatch.org.br/>)

Vilar Carioca também tem uma Escola de samba, o *Grêmio Recreativo Escola de Samba União Vilar Carioca*, fundada em 05/01/2020, com suas cores vermelho, branco e ouro.

² Ibidem



Foto52: Escola de Samba União Vilar Carioca

A escola faz parte do Grupo de Avaliação da Superliga Carnavalesca, com estreia no carnaval carioca em 2022, desfilando na Estrada Intendente Magalhães. Seu primeiro enredo foi *Da magia de um olhar surge o circo no Vilar*. Autores do Samba-Enredo: Odmar do Banjo, Henrique Pirulito, Nego Dídio, Anderson Bala, Marcelo Caçapa, Carlinhos Devagar e Denis Moraes. Intérpretes: Aurélio Brito, Caim da Praça e Chalana Saleiro³.

³ Fonte: <https://vilar-carioca-inhoaiba->

Em 2023, a Escola de samba desfilou com o enredo *Sou Auá desse Brasil, de cara pintada e pele embrasada*, de autoria de Pablo Azevedo. Compositores Henrique Pirulito, Odmar Banjo, Dudu Bamba, Carlinhos Devagar, Tem Tem Jr, Luiz Filho, Tiago Oliveira, Sonia Regina e Neném Irajá. Intérpretes Aurélio Brito e Caim da Praça. A Escola ficou em 10^a colocação no Grupo de Avaliação da Superliga.

O desfile da Escola em 2024 foi com o enredo *A dona dos ventos, senhora das tempestades, a força bárbara de toda mulher brasileira* de autoria de Pablo Azevedo, 12^a colocada no Grupo de Avaliação da Superliga. Os compositores foram Henrique Pirulito, Dudu BS, Sônia Regina e Crystiano Wanderley, intérpretes Fabi Soares e Mayra Brandão. E em 2025, desfilou com o enredo *A História da Família Brasileira*, seu carnavalesco Renan Barros retratou as principais festas populares do Brasil, com a ideia de “viagem aventureira” pelas cidades e regiões do país. Uma viagem de energia, alegria, emoção, de encontro com a fé, coragem e representações de raízes, colônias e culturas que colaboraram para o surgimento de cada uma dessas festividades. *Sou Vilar, sou carioca, um viajante aventureiro, nas tradições de um Brasil festeiro*.

Outra transformação ocorrida no bairro foi a criação do Parque Oeste⁴ (por que não Parque Inhoaíba?). Um espaço de grande dimensão no entorno da comunidade, em Inhoaíba, na Avenida Cesário de Melo 6.825, no terreno onde era o antigo Instituto Ana Gonzaga, adquirido pela

⁴ Cabe destacar que os moradores reivindicam o nome de Parque Inhoaíba.

Prefeitura do Rio e construído pela Empresa Municipal de Urbanização (Rio-Urbe), com investimento de R\$ 220 milhões. Sua primeira etapa foi concluída e aberta ao público no dia 14/09/2024. A conclusão de toda obra está prevista para o segundo semestre de 2025⁵.



Foto53: Parque Oeste em Inhoaíba, 2025

O Parque Oeste conta com equipamentos culturais, esportivos, de educação e de lazer. Entre suas diversas instalações possui a Nave do Conhecimento, com ambientes multiusos interativos, acesso gratuito à internet, palestras, oficinas. Disponibiliza desde cursos básicos de tecnologia e empreendedorismo até os mais avançados para o público infantil, juvenil e também para adultos e pessoas da terceira idade. Além disso, a unidade abrigará iniciativas da comunidade, promovendo eventos de difusão científica e culturais (conforme informes disponibilizados no site da Prefeitura do Rio de Janeiro).

⁵ Fonte: <https://prefeitura.rio/cidade/parque-oeste-comeca-a-funcionar-neste-sabado-em-inhoaiba/>



Foto54: Nave do Conhecimento, Parque Oeste, 2025



Foto55: Nave do Conhecimento, 2025

No projeto do Parque Oeste consta uma pista de skate e a chamada Escada das Águas, batizada em homenagem ao arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx. Ela ocupa uma área de 1.300 metros quadrados, com

altura de 15 metros, equivalente a um prédio de cinco andares, com 88 degraus e 74 esguichos d'água e uma cascata para refrescar os visitantes de uma das regiões mais quentes do Rio de Janeiro. Possui também um grande palco de eventos, batizado em homenagem ao instrumentista Zeca do Trombone, e um Campo de futebol em grama sintética. A segunda etapa de conclusão da obra vai contemplar duas escolas, uma vila olímpica, um mirante e um chuveirão, a exemplo do que existe no Parque Madureira, e a criação de uma escolinha de futebol⁶.

Vimos que com o passar do tempo, outras atividades e espaços culturais foram incorporados ao cotidiano da comunidade de Vilar Carioca. Transformações decorrentes da própria dinâmica social e das novas relações sociais estabelecidas, produzindo novos significados culturais. Conforme Marshal Sahlins (1997) define, “todo sistema cultural, categoria simbólica e estrutura podem ser modificados nas ações daqueles que agem, uma vez que novas relações entre os signos podem ser estabelecidas”. Nesse sentido, os sujeitos históricos são capazes de produzir novos significados culturais a partir de novas interações sociais.

Contudo, ainda permanece uma das grandes lutas da comunidade em relação à regularização das moradias: os lotes continuam irregulares. Outra luta no que diz respeito à locomoção é a falta interna de ônibus. Apesar do transporte alternativo, o ônibus possibilita a locomoção gratuita para alunos da rede pública e para idosos. Nes-

⁶ Fonte: <https://prefeitura.rio/cidade/parque-oeste-comeca-a-funcionar-neste-sabado-em-inhoaiba/>

te sentido, a luta continua! Faz-se necessário um esforço coletivo de mobilização junto à Prefeitura do Rio de Janeiro para que se efetive o direito à moradia, com a regularização dos lotes. Como ressaltou Miguel Baldez,

“... quando nós nos organizamos e formamos um movimento, aí a gente se descobre numa subjetivação mais ampla porque vamos criar resultados, produzir efeitos que cada um de nós individualmente não conseguiria produzir. O movimento popular tem essa característica, de ser representativo e de ser instituinte de novos direitos” (BIZZO, Maria Nilda. Entrevista com Miguel Baldez: memória popular e luta pela terra. Rio de Janeiro, ITERJ, 14/02/2006).

A história escrita através das experiências compartilhadas e narradas pelos moradores de Vilar Carioca nos possibilita olhar para o passado, para as lutas na organização social do território, na regularização das moradias, as alegrias recordadas e expressas na dimensão cultural, a esperança na produção permanente de novos significados culturais, e compreender a abertura de sentido e o caráter inacabado dessa história, como de tantas outras, sendo sempre reescrita a partir das relações sociais com o lugar, as ações dos sujeitos reavaliadas e transformadas nas contingências da vida cotidiana.

Como nos lembra Stuart Hall (2003), há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confiar suas definições e formas dentro de uma

gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas e perdidas (HALL, 2003, p.254)⁷.

⁷ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7ed. RJ: Editora DP&A, 2003.

Referências

ABREU, Mauricio. *Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

BIZZO, Maria Nilda; REZENDE, Eloisa Cristina Fernandes de; SILVA, Célia Regina Neves da (Organizadoras). *Vilar Carioca: tecendo histórias e reconstruindo o lugar*. (vários autores). Rio de Janeiro: Brunner, 2005.

BIZZO, Maria Nilda. *Entrevista com Miguel Baldez: memória popular e luta pela terra*. Rio de Janeiro, ITERJ, 14/02/2006.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel, 1989.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução Rubens R. T. Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 239-240. (Obras Escolhidas, v. II).

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-128. (Obras Escolhidas, v. I).

COUTINHO, Márcia. *Regularização de Loteamentos*. In: 4 estudos. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1986.

ESTATUTO DA CIDADE: *Guia para implementação pelos municípios e cidadãos*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: Os Cacos da História*. Trad.: Sônia Salzstein. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Estudos, 142).

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. RJ: Zahar, 1978

GOMES, Simone da Silva Ribeiro. *Oportunidades políticas e estratégias militantes em contextos de violência rotinizada: uma comparação entre a Zona Oeste do Rio de Janeiro (Brasil) e Guerrero (México)*. Tese de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ed. RJ: Editora DP&A, 2003.

JESUS, Cristina Souza. *A Questão Habitacional da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro: favelas e Loteamentos Irregulares e Clandestinos*. Monografia de Graduação no Departamento de Geografia UERJ, 1990.

LAGO, Luciana Corrêa do. *O Movimento de Loteamentos do Rio de Janeiro*. Dissertação, mestrado em Planejamento Urbano e Regional. UFRJ/IPPUR, 1990.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. PROGRAMA DE URBANIZAÇÃO DE ASSENTAMENTOS POPULARES (PROAP RIO III). *Plano de Ação Social Integrada-PASI. Loteamento Vilar Carioca*. Rio de Janeiro, 2003.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Outros territórios, outros mapas*. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (ed.). *Território brasileiro: usos e abusos*. Arapiraca: Uneal, 2017. p. 41–51.

RIBEIRO, Luis C. Queiroz; PECHMAN, Robert Moises. *O que é Questão de Habitação*. São Paulo, Brasiliense: 1985.

SILVA, Rosilaine Souza de Araújo. *Identidade e lugar na comunidade de Vilar Carioca sob o impacto do Programa Morar*

Legal da Prefeitura do Rio de Janeiro. Monografia (Programa de Pós-Graduação em Organização Espacial do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

SILVA, Rafael Freitas da. *O Rio antes do Rio*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Relicário, 2019.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de Histórias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

SANTOS, Milton. *O retorno do território*. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Milton. *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. *A geografia no fim do século XX: a redescoberta e a remodelagem do planeta e os papéis de uma disciplina ameaçada*. Geonordeste, v. 1, n. 2, p. 1–13, 1984.

SOUZA, Marcelo Lopes. *ABC do Desenvolvimento Urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TOV, Isra Toledo (Org). *Mata da Paciência: De legado Carmelita a portenho fluminense*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2021.

VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”. In: *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorde Zahar Ed., 1999.

Fonte Oral

Entrevistas

- Alvinho
- Antônia Zenilda

- Antônio Cândido de Almeida
- Benedita
- Cecília dos Santos Silva
- Claudete
- Conceição Rangel
- Daniel Correa
- Elpídio dos Santos Monteiro
- Fausto Marques de Oliveira
- Gabino Barbosa
- Heloisa
- Idalina Gomes de Souza
- Ilma Francisca de Oliveira Ferreira
- José Luiz Celestino (Zé Biriba)
- Leni
- Manoel Alves de Souza
- Marcus Vinícius
- Maria Aparecida da Costa Souza
- Maria das Graças
- Maria Galdino da Silva
- Maria Iva dos Santos
- Maria Nascimento da Silva
- Natalice Eugênio de Souza
- Nelita
- Nilson
- Rogério Dias
- Tânia Cristina Tomé Decúpero
- Valdir
- Vera Lúcia Pereira da Silva
- Wagner Luiz Soares
- Walter Barcelos Menezes
- Zezita Miranda Carneiro

Áudiovisual

Documentário *Inhoaíba – da lamúria à esperança*, 2021, de Lorrان Matheu.

Documentário *Os Vilarenses cariocas: Memória e identidade*, Rio de Janeiro, 2004.

(<https://www.youtube.com/@mariabizzo3042>)

Sites

<https://ogritocampograndeozeste.blogspot.com/2015/03/historia-do-seu-bairro-hoje-inhoaiba.html?>

https://rioonwatch.org.br/?p=66104&fbclid=IwY2xjawLU4zFleHRuA2FlbQIxMABicmlkETFINnQ2Nm1VSnd0MmVCZkhFAR7-8ZmtosEeBHyvC4QqhOGIYDyNsdIFtPNWlFF6BDRlgn1DLWPr-0zqIihUPg_aem_nickvtjdfp7l080hvKWkhw

<https://vilar-carioca-inhoaiba-rj/>

<https://prefeitura.rio/cidade/parque-oeste-comeca-a-funcionar-neste-sabado-em-inhoaiba/>

<https://fundacaorioaguas.prefeitura.rio/noticias/prefeitura-inaugura-obras-de-canalizacao-do-rio-papagaio/>

<https://prefeitura.rio/cidade/monumentos-da-cidade-homenageiam-dia-da-abolicao-da-escravidao-e-celebram-respeito-aos-pretos-velhos/>

Sobre os Autores

Maria Nilda Bizzo (organizadora) é bacharel em Economia e pós-graduada em Filosofia da Educação (UFRJ). Mestrado em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ). Professora de História do Pensamento Econômico. Pesquisadora e escritora, com participação nas publicações dos livros (autoria e coautoria) *Conflitos Ambientais no Brasil* (organizado por Henri Acselrad), Editora Relume Dumará, 2004; *Cacos de Memórias*, Editora Arquimedes, 2005; *Vilar Carioca: tecendo histórias e reconstruindo o lugar*, Editora Brunner, 2005; *A atuação do Banco Mundial nos planos de desenvolvimento do Brasil*, Editora Dinigraf, 2010; *1964: O que ainda nos resta dizer?*, Editora Metanoia, 2025. Idealizadora e coordenadora do projeto *Nossa História* realizado na Zona Sul carioca (Horto/Jardim Botânico) e Zona Oeste (Vilar Carioca/Inhoaíba).

Rosilaine Souza de Araújo da Silva é professora de Geografia na rede pública (SME/RJ e SEEDUC/RJ), possui mestrado em Geografia (UFF) e cursa o doutorado em Geografia na PUC/RJ. Pesquisadora e escritora com participação na publicação dos livros *Promoção da Saúde e difusão de conhecimento: ditos e escritos dos favelados universitários* (organizado por André Luiz da Silva), Editora Pimental Cultural, 2024; *A geografia ibero-americana no contexto contemporâneo: um balanço crí-*

tico” (livro eletrônico), organizado por Horário Capel e Floriano G. de Oliveira, Editora Letra Capital, 2024 e *As novas geografias dos países de língua portuguesa*, Centro de Estudos Ibéricos, 2025.

Marcilon Bezerra da Silva é professor e pesquisador na rede municipal de ensino de Quissamã, em Campos dos Goytacazes, há mais de uma década. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Desenvolveu projetos como o *Festival Multicultural* e o *Festival de Integração da Educação Física Escolar de Quissamã (FIEFEQ)*. Além do trabalho em sala de aula, dedica-se à formação docente, contribuindo para o desenvolvimento de metodologias colaborativas e inclusivas. Seu foco está na construção de ambientes de aprendizagem que respeitam as individualidades, estimulam a reflexão crítica e aproximam a Educação Física das realidades socioculturais da comunidade escolar.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844



21 95903-6535

www.podeditora.com.br
contato@podeditora.com.br

2025